

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

LISBOA
ROMANA — *FELICITAS IULIA OLISIPO*

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

ALEXANDRA GASPAR
ANA GOMES
ANA VALE
ANTÓNIO VALONGO
CARLOS CABRAL LOUREIRO
CARLOS FABIÃO
CAROLINA GRILO
CRISTINA NOZES
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
LÍDIA FERNANDES
MARIA TERESA CAETANO
NUNO NETO
PAULO ALMEIDA FERNANDES
PAULO REBELO
PILAR REIS
RAQUEL HENRIQUES
RAQUEL SANTOS
RICARDO ÁVILA RIBEIRO
RODRIGO BANHA DA SILVA
VANESSA FILIPE
VASCO NORONHA VIEIRA
VICTOR FILIPE

calei
dos
ópio

Sumário

7	Apresentação	104	O espaço privado
8	Nota Introdutória	105	As Ruas da Sé de Lisboa ALEXANDRA GASPAR; ANA GOMES
11	<i>Felicitas Iulia Olisipo:</i> a capital urbana de um município de cidadãos romanos - espaço(s) de representação de cidadania LÍDIA FERNANDES PAULO ALMEIDA FERNANDES	110	A <i>Domus</i> romana dos Antigos Armazéns Sommer (Lisboa) NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO ÁVILA RIBEIRO; VASCO NORONHA VIEIRA
14	Espaços de sociabilidade: os edifícios de carácter público	122	Estruturas públicas e domésticas de época romana no edifício da Rua dos Bacalhoeiros, n.º 16-16D/Arco das Portas do Mar, n.º 1-5 HELENA PINHEIRO; RAQUEL SANTOS
15	Em busca do <i>forum</i> de <i>Olisipo</i> CARLOS FABIÃO	128	A ocupação romana na Rua Victor Cordon 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A ANTÓNIO VALONGO
26	O <i>Theatrum</i> de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES	132	Arquitetura, Arte e Engenharia
52	O Circo de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>: um monumento lúdico romano ANA VALE; LÍDIA FERNANDES; CARLOS CABRAL LOUREIRO	133	Sistemas construtivos de cronologia romana de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES; PILAR REIS
68	Espaços de sociabilidade: os <i>balnea</i>	166	A cerâmica em <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, formas, funções e decorações CAROLINA GRILO
69	As <i>Thermæ Cassiorum</i> RODRIGO BANHA DA SILVA; CRISTINA NOZES	178	Mosaicos Romanos de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> MARIA TERESA CAETANO
80	Banhos termais na Rua da Adiça, Alfama VANESSA FILIPE; RAQUEL SANTOS	190	A decoração arquitetónica de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> ou como a cidade se mostrou LÍDIA FERNANDES
86	Estruturas termais do Beco do Marquês de Angeja, Lisboa VICTOR FILIPE	214	Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana PAULO ALMEIDA FERNANDES; LÍDIA FERNANDES
90	Paredes romanas com pintura mural na Travessa do Ferragial 1-14, Lisboa ANTÓNIO VALONGO; RAQUEL HENRIQUES	232	Referências
94	Um <i>balnea</i> da baixa de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros JACINTA BUGALHÃO	246	Lista de Autores





A decoração arquitetónica de *Felicitas Iulia Olisipo* ou como a cidade se mostrou

LÍDIA FERNANDES

A decoração de uma cidade é a imagem que os habitantes pretendem dar de si próprios. A eleição de determinadas peças e modelos ornamentais em detrimento de outros evidenciam opções decorativas. O conjunto ornamental que sobreviveu da antiga cidade romana de *Felicitas Iulia Olisipo* é muito reduzido e, como tal, não é possível conhecer a grande diversidade decorativa que decerto existiu. Ainda assim, pensamos ser possível obter uma ideia, decerto genérica, sobre a decoração arquitetónica que mais foi do agrado da população desta urbe. Neste trabalho optou-se por uma apresentação cronológica dos elementos analisados, o que possibilitou a definição do que pensamos terem sido as fases construtivas mais relevantes da cidade.

Poderia dizer-te de quantos degraus são as ruas em escadinhas, como são as aberturas dos arcos dos pórticos, de quantas lâminas de zinco são cobertos os telhados; mas já sei que seria o mesmo que não te dizer nada. Não é disto que é feita a cidade, mas sim das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado ...”

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, 1962, p. 14.

Perceber de que forma uma cidade se ornamentou no passado reveste-se de enorme dificuldade uma vez que os dados disponíveis até ao momento são extremamente reduzidos. À semelhança daquela citação de Italo Calvino,

não sabemos como descrever a cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*. Por vezes conhecemos os muros de uma habitação mas sem termos a certeza que o era, em outras ocasiões, sabemos que num certo local houve telhados e as dimensões de algumas das *tegulae* que os compunham, mas pouco mais seríamos capazes de dizer e, assim, a única certeza que temos é a de que “não é disto que é feita a cidade”.

Este panorama, de quase total ausência de informações alterou-se um pouco nos últimos anos em resultado de profundas transformações urbanísticas que tiveram lugar

FIG. 1

Capeamento de ara do Pátio da Senhora da Murça (© Lídia Fernandes / Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC). Reconstituição da ara do Pátio da Senhora da Murça. Carlos Cabral Loureiro e Manuela Leitão, CML, 2008

em Lisboa. O maior investimento urbano, a reabilitação e reconversão de muitos espaços e edifícios, mercê do aumento turístico repentino, levou a um proporcional impacto no subsolo e a um paralelo aumento do trabalho de salvaguarda arqueológica desenvolvido.

Grandes projetos urbanísticos obrigaram a uma intervenção subterrânea da cidade que trouxe novos dados inéditos e inesperados. Ainda que se continue sem perceber como e onde se vivia em *Felicitas Iulia Olisipo*, os embora poucos dados disponíveis, revelam uma intensidade do assentamento e uma distribuição geográfica até ao momento insuspeita e, em alguns casos, incongruente quando cotejada com uma imagem tradicional, mais imaginada que factual, da implantação de áreas monumentais, funerárias e industriais. Desconhece-se, na verdade, o real perímetro citadino. Imaginando-o tradicionalmente como uma sobreposição perante a teórica correlação entre a cidade romana e a medieval, as recentes realidades materiais matizam a história mostrando-a mais rica e parecendo obedecer a dinâmicas mais diversificadas, com a consequente diluição de áreas funcionais específicas e compartimentadas.

É um facto que os edifícios públicos até ao momento identificados se implantam a meia encosta, como o caso do teatro e o maior edifício termal conhecido: as termas dos Cássios. Na parte baixa, a cidade industrial romana cresceu à medida que novas obras do subsolo têm avançado. Novas unidades de transformação de pescado foram identificadas permitindo delinear uma área industrial substancialmente maior. Sintomaticamente, têm sido muito reduzidos os elementos arquitetónicos identificados nesta vasta área.

E é especialmente este tema que ora nos ocupa. Em 2011, no trabalho que apresentámos com o título “A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*” (pp. 263-311), abordámos de forma detalhada esta questão. Infelizmente, após quase dez anos pensamos que

aquele trabalho continua atual. Por um lado, porque não temos uma interpretação distinta sobre os vários elementos aí apresentados, ainda que os estudos consequentes possam suscitar uma maior precisão cronológica ou precisar uma determinada ideia. Por outro, e é essa a verdadeira questão, porque os vestígios exumados a partir de então não possibilitam uma alteração substancial do que então expusemos.

Perante as novas estruturas arqueológicas que têm surgido, independentemente do seu estado de conservação, tal número não tem sido acompanhado por novos elementos ornamentais que nos permitam compor uma imagem visual da cidade mais fidedigna. Para tal facto contribuíram os muitos períodos em que a cidade se reergueu dos escombros após os surtos sísmicos de que foi pródiga. Cada reconstrução da urbe traduziu-se num reaproveitamento dos materiais antigos embora os elementos escultóricos ou peças mais delicadas não se adequassem a materiais de construção. Um ou outro capitel partido, alguns fustes de coluna são registados, mas no seu conjunto, poucos elementos arquitetónicos são identificados o que leva a concluir que o seu reaproveitamento passou pela sua transformação em cal. Assim se explica a raridade de objetos que sobreviveram.

A imagem que podemos formar está, assim, limitada à casualidade da sobrevivência de algumas peças em detrimento de tantas outras, informando assim uma imagem da cidade que poderá não ser a correta. A decoração de uma cidade é a imagem que os habitantes pretenderam dar de si próprios. Ao eleger o que sobrevive como o padrão decorativo em voga num certo período não tomamos em linha de conta uma enorme diversidade que nos permite matizar gostos, perscrutar influências, ou descobrir importações. Uma só peça pode alterar o panorama traçado, especialmente quando a amostragem existente é tão diminuta como a que possuímos.

A organização cronológica que seguimos pareceu-nos a forma mais adequada com o intuito de perceber as alterações de gosto assim como as distintas influências que se vão exercendo no território olisiponense. Incluímos os elementos arquitetónicos identificados no *ager* ao longo da análise efetuada na área citadina, apresentando correlações quando pertinentes, uma vez que a cidade e o território envolvente desenvolvem-se em paralelo, estando sujeitos a idênticas influências.

Nesta abordagem cronológica identificamos quatro grandes períodos. O da inicial monumentalização da cidade, que ocorre nos finais do século I a.C. e inícios do século I d.C.; um segundo momento caracterizado pelo início da marmorização da urbe que ocorre em meados daquele século; uma terceira fase, enquadrada cronologicamente entre os finais do século I e o século II d.C., onde se consolidam as opções ornamentais anteriormente ensaiadas, sendo evidente um maior fulgor construtivo e, por fim, os séculos III e IV d.C. onde é manifesta uma diversidade de soluções ornamentais.

A decoração citadina nos primeiros momentos de monumentalização: inícios do século I d.C.

Entre 137-136 a.C. chegam a *Felicitas Iulia Olisipo* exércitos sob o comando de *Decimus Junius Brutus*, tendo a cidade funcionado como palco militar de onde saíram contingentes militares com destino ao norte peninsular, com vista à sua pacificação. Desde cedo pois, que os contactos com a população itálica se efetivaram pelo que não se verificou uma verdadeira conquista da cidade, antes uma ocupação que finalmente foi materializada, muito provavelmente, entre 31-27 a.C. (Faria, 2001).

Integrada na província romana da Lusitânia, com a sua capital em *Augusta Emerita*, fundada em 24 a.C., naturalmente que o modelo da capital foi determinante nas opções artísticas e arquitetónicas implementadas em *Felicitas Iulia Olisipo*, constituindo o exemplo do teatro romano um caso paradigmático.

Esta primeira fase de ornamentação da cidade constituiu um corte profundo com o existente. Um novo paradigma intimamente ligado ao novo conceito de cidade, tal como hoje o entendemos, trouxe novas formas de planejar, de construir e ornamentar, assim como distintos materiais e novos equipamentos, sendo nítido um corte profundo com o passado. *Olisipo*, núcleo populacional relevante durante a I e especialmente a II Idade do Ferro, como tem vindo a ser sublinhado (cf. entre outros títulos, Sousa, 2016, pp. 167-185), não revelou especial interesse pela ornamentação das suas construções.

À municipalização da cidade agregou-se um conjunto de edificações, assim como códigos e regras administrativas, que transformaram um povoado na cidade que se designou por *Felicitas Iulia Olisipo*. À semelhança de outras, como em *Augusta Emerita*, a planificação urbanística e a implantação dos primeiros edifícios públicos e vias de comunicação, constituíram as primeiras disposições tomadas.

O teatro romano, pela dimensão que ocupou, estimada em 2 *Actus Quadratus*, isto é um *iugerum* (o que significa 2.522,88 m²), indica-nos que todo o solo urbano se inscreveu numa malha ortogonal com vista à planificação construtiva, ação implementada decerto com o objetivo de possibilitar o seu registo matricial com efeitos fiscais.

A rodear a enorme e imponente construção cénica implantavam-se vias que possibilitavam o acesso de cerca de 4.000 espectadores ao local. Este número, que se calcula ter sido a capacidade do teatro elucida-nos sobre a

dimensão do investimento então realizado. Acreditamos, como afirmamos neste volume (*vide* capítulo dedicado ao monumento cénico), que a decisão da sua construção e a verba a ela destinada terá partido dos responsáveis governativos e, por indireta forma, do próprio imperador ou do seu círculo restrito. O mesmo ocorreu em *Augusta Emerita* e acreditamos que o modelo aí aplicado terá sido replicado nas cidades mais relevantes do seu território.

Não podemos esquecer que a província da Lusitânia terá sido criada por desmembramento da Hispânia Ulterior, tendo ficado sob administração imperial, ainda que a data da sua criação, 27 d.C., indicada por Dión Cássio, não seja concensual, apontando alguns autores o ano 25 a.C.¹, data de fundação de *Emerita* ou mesmo uma data anterior, como o ano 22 a.C. (Mantas, 2004, p. 73).

Naturalmente que não são abundantes as peças que podemos adscrever a este momento inicial, sendo que os elementos arquitetónicos do teatro romano constituem praticamente os únicos exemplares.

A edificação do teatro: a decoração arquitetónica²

Conservam-se cinco capitéis jónicos e outros sete exemplares que, embora não tenhamos a certeza quanto à sua classificação, igualmente se inscrevem, pelas suas características, neste conjunto (Fernandes, 2011; 2014a). Quanto a bases, conservam-se cinco as quais se incluem na classificação de áticas embora com distintas características: com e sem plinto, com e sem imoscapo. Com toros de idêntico diâmetro e escapo pouco alto e sem molduração. Todas apontam para tipologias recuadas de tradição tardo-italica (Fernandes, 2004-2005). Várias cornijas e ombreiras de porta também se incluem neste conjunto, as quais utilizam um arenito cinzento muito desagregável, provavelmente proveniente da zona de Torres Vedras

(Fernandes *et al.*, 2019). As cornijas possuem uma decoração jónica com óvulos rodeados por molduras e separados entre si por lancetas.

Vários fustes de coluna conservam-se no museu, sítio arqueológico e nas reservas. Distinguem-se pela dimensão e tipo de acabamento: com caneluras (registra-se um fuste com 24 caneluras e vários com 16); com estrias / ranhuras longitudinais e lisos.

Todos os exemplares mencionados seriam revestidos a estuque tal como se comprova pelos vestígios que conservam em dois fustes, com uma espessura superior a 6 cm. O mesmo aconteceria nas cornijas e restantes elementos sendo no estuque realizada a decoração pormenorizada, seguindo uma tradição itálica, intimamente relacionada com os primeiros construtores vindos do Lácio, o que oferece paralelos com o panorama emeritense. Aqui, no entanto, o desenvolvimento citadino foi bem mais intenso tendo esta fase inicial sido quase totalmente substituída por novas correntes decorativas que acompanham o novo estatuto citadino (Barrera Antón, 2018, p. 130 e ss.).

Outros elementos de tradição tardo-republicana

É somente um exemplar e não sabemos a sua real proveniência. Trata-se de uma base ática talhada em biocalcarenito, semelhante às bases do teatro, ainda que o seu estado de conservação seja muito deficiente. Encontra-se atualmente na Rua do Recolhimento. Possui dois toros com igual diâmetro e não tem plinto ou imoscapo. Pensamos poder atribuir uma cronologia similar às bases acima descritas. Pensamos que a peça não terá vindo de muito longe, dada a sua dimensão e a hipótese que nos parece mais provável é a de ter pertencido a um edifício, talvez um templo, a ter existido no cima da colina ideia que defendemos desde 1997 (vol. I, p. 195) e que segue a defendida por Vasco Mantas (1990, p. 174).

Um capeamento de ara ao qual atribuímos uma cronologia dos inícios do século I d.C. inscreve-se igualmente neste grupo inicial de elementos arquitetónicos. Realizado em biocalcarenito, foi reaproveitado na base da muralha tardo romana no Pátio da Senhora de Murça (FIG. 1). É o único capeamento registado em Lisboa que emprega o biocalcarenito. Todos os restantes, em número considerável, inscrevem-se em épocas posteriores. Possui uma grande roseta com 11 pétalas e botão central relevado que ocupa toda a voluta do *pulvinus*. A restante parte frontal da peça até ao início do *fastigium*, que se encontra partido, possui igualmente rosetas e pode ser aproximada a algumas decorações em monumentos funerários similares de *Augusta Emerita* (Nogales Basarrate e Márquez Pérez, 2002, p. 125, fig. 3-a), da época de fundação ou de alguns frisos augustanos da província da Narbonense (Janon, 1986, p. 28). Pela sua qualidade e paralelos que estabelece datamos este exemplar do século I d.C.. Pensamos ter sido estucado e pelas dimensões decerto faria parte de um monumento funerário de relevância.

Este tipo de peças encontra-se registado por toda a Península Ibérica, embora se possam individualizar grandes núcleos onde a sua presença é mais evidente. Inicialmente, tais núcleos registaram-se em Barcino, Tarraco e Jáen, mas posteriormente foram identificados muitos outros exemplares por toda a *Hispania* (Beltrán Fortes, 1990). Em território nacional, a zona de Idanha-a-Velha e a região de Lisboa / Sintra evidenciam-se como os principais núcleos onde este tipo de monumentos surge.

A marmorização da cidade: meados do século I d.C.³

Este segundo momento é particularmente relevante para a cidade. A data que inaugura esta alteração ornamental é o ano 57 d.C. e

ocorre no teatro. Não deixa de ser sintomático este facto: sendo um dos primeiros edifícios a ser construído aquando da nobilitação cidadina é também aí que se realiza, pelo que sabemos, a primeira obra de remodelação ornamental. Esta data inaugura o início da utilização do mármore alentejano, proveniente do anticlinal de Estremoz, mas, de igual modo, a exploração das canteiras do *territorium* citadino e do *ager*, como as existentes na zona de Sintra e das muitas pedreiras de calcário que haveria na envolvente de *Olisipo* (Coelho, 2002, pp. 277-323). Este facto leva a concluir por um aumento substancial das obras que então teriam lugar e igualmente, da existência de uma elite cidadina empreendedora e com posses para suportar novas construções.

O facto de as obras de remodelação do teatro serem realizadas por um liberto documenta a presença de uma oligarquia que se evidencia no panorama económico e social de *Felicitas Iulia Olisipo* em meados do século I d.C. (Fernandes, 2019).

O teatro romano: renovação decorativa da sua parte central

A cronologia para este segundo momento ornamental de *Felicitas Iulia Olisipo* é fornecida pela inscrição do *proscænium* do teatro romano de Lisboa. Esta inscrição já por diversas vezes citada (Fernandes, 2019, pp. 86-99) é de enorme relevância pois demarca o início da nova política de marmorização na cidade.

Assistimos no ano 57 d.C., a uma remodelação ornamental profunda no teatro romano. Como afirmamos, trata-se de uma alteração essencialmente decorativa - pelo que nos é dado a conhecer até ao momento - e não estrutural, limitando-se afinal, aos espaços que seriam visíveis: o *frons pulpiti*, a pavimentação da *orchestra* e os lintéis dos *aditi maximi*. No entanto, podemos também referir que esta data poderá marcar o fim dos

trabalhos de engenharia realizados na parte tardoz do teatro, ou seja, a finalização dos terraços e acessos pela parte sul do monumento, conformando o tradicional *porticus post scenam*.

Uma das principais estruturas da parte central do teatro, a estrutura do *proscenium*, é refeita com novas pedras de cores apelativas e onde se grava a conhecida inscrição através da qual ficamos a saber que a obra é custeada pelo liberto *Caius Heius Primus*, e em honra do imperador Nero (Fernandes, 2019). Do mesmo modo, também a *orchestra* sofre nova pavimentação. Em ambos os locais são usadas pedras de cor cinza, com venadas brancas, e de cor rosa. As primeiras são de mármore de Trigaches (Alentejo), e as restantes da zona de Sintra. O motivo geométrico obtido traduz-se em lajes rosa claro de formato quadrado ladeadas por placas retangulares de cor cinza. Nos cantos da composição foram colocadas placas quadradas rosa escuro, de menor dimensão. Este pavimento constitui o primeiro caso de *opus sectile* identificado em *Olisipo* (Pérez Olmedo, 1996, n.º 158; Fernandes e Grilo, 2019).

Salienta-se o facto de o padrão da *orchestra* se aproximar do observado nas *orchestræ* dos teatros de Mérida e Medellín. O motivo geométrico é idêntico, embora ligeiramente distinto e as cores são iguais (Fernandes e Nogales Basarrate, 2018).

A inscrição, pela titulatura imperial aí mencionada, atribui-se ao ano 57 d.C.. Esta data permite demarcar a nova fase decorativa cidadina.

São igualmente aplicados capeamentos nos lintéis das entradas monumentais do teatro onde também se presencia nova inscrição: *C. Heius Primus Dedit*. Estes elementos empregam um calcário rosa, bastante distinto do usado na *orchestra* e *frons pulpitem*. Este facto, no entanto, é de primordial relevância pois marca igualmente o momento em que passam a ser utilizadas as pedreiras de

calcário branco ou de tom rosa, semelhante à pedra de lioz que a cidade possui, com um aspeto bem distinto do calcário vulgarmente designado por “urgeiro” ou biocalcarenito. Podemos afirmar que o emprego do mármore e do calcário liso se opera em Lisboa, em simultâneo, a partir do ano 57 d.C..

É possível hoje ter uma ideia do impacto decorativo que o renovado *proscenium* terá suscitado. Recorrendo ao desenho aguarelado de Francisco Xavier Fabri, realizado em 1798, onde em planta e alçado é representada aquela estrutura ritmada por nichos retangulares e semicirculares, a inscrição corria, numa única linha, pelos cinco nichos centrais. Em letras monumentais, terá sido pintada, a vermelho ou dourado. Na parte superior desta estrutura posicionavam-se estátuas reclinadas de silenos, das mãos das quais saía um repuxo de água para a parte inferior dos nichos onde, provavelmente, existiam espelhos de água. Estas estátuas, com volumes acentuados e efeitos de claro/escuro evidentes, inscrevem-se igualmente no ano 57 d.C., numa altura em que a “... escultura do território português corresponde já aos modelos em circulação no império. *Augusta Emerita*, neste contexto, parece ser o centro a partir do qual se disseminaram os protótipos, quer de escultura pública, retratos imperiais e estátuas icónicas, quer dos retratos privados” (Gonçalves, 2007, p. 555).

No conjunto ornamental agora descrito devemos incluir outros elementos, como alguns fragmentos de frisos moldurados de mármore branco, embora desconheçamos o local onde terão sido empregues; um plinto ou pedestal, de forma trapezoidal, de mármore cinzento claro com vergadas brancas, destinado a ostentar o busto de alguma divindade ou retrato imperial (Fernandes 2011, p. 292).

Dois baixos-relevos de musas, um de Melpómene, patrona da tragédia, e outro de outra musa, assim como dois fragmentos escultóricos de vestes, de reduzidas

dimensões, mas de boa técnica e grande delicadeza, e ainda um fragmento de mão que conserva dois dedos, de escala maior que o natural⁴, completam os vestígios ornamentais do teatro (Fernandes, 2011; Fernandes e Nogales Basarrate, 2018).

Estes materiais, mais escultóricos que arquitetónicos, empregam o mármore branco. Uma cabeça de Apolo ou Dionísio, com uma *tænia* que lhe cinge os caracóis na nuca, enquadra-se igualmente neste período, sendo de destacar o aspeto arcaico que possui, já referido por Luís Gonçalves quando estudou a peça, afirmando que se encontra executada “...num revivalismo arcaísta que lembra estátuas dos *Kouroi* do período Arcaico, como o sugerem os cabelos” (Gonçalves, 2007, p. 554).

Um edifício de culto imperial

A presença de um possível templo junto ao teatro romano era uma ideia já anteriormente defendida (Fernandes *et al.*, 2015) corroborada com o aparecimento, em 2019, de um pavimento em *opus sectile* (Fernandes e Grilo, 2019) que se deve associar a esta fase de renovação marmórea, reforçando assim a ideia de se tratar de um templo de culto imperial. Embora sem cronologias seguras, o tipo de pavimento em questão, com um complexo motivo geométrico remete para meados do século I d.C. com o recurso a matéria-prima de importação. Com efeito, os litotipos que então foram usados evidenciam um comércio já estabelecido com regiões longínquas quando as pedreiras imperiais passam a ser exploradas.

Outros materiais

Por fim, uma imposta de Faião, de calcário e que se encontra no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, desafia a nossa interpretação. Analisado por nós em 1997

(n.º 77) ao qual atribuímos uma cronologia do século I d.C. embora com algumas dúvidas, mantemos esta proposta embora sublinhando a ausência de paralelos e a morfologia invulgar do exemplar.

Entablamentos / Cornijas

Um entablamento com cerca de 1 m de comprimento, em calcário lioz rosa, foi recolhido na intervenção realizada no Ministério das Obras Públicas em 1991/1992 (Termas dos Cássios)⁵. A superfície apresenta um deficiente estado de conservação, conservando o arranque de quatro denticulos sem decoração (Fernandes, 2007, p. 18, figs. 15 e 16; 2011, p. 289). Uma concavidade retangular na face inferior destinava-se ao encaixe com a parte inferior do edifício. Apesar das dificuldades de uma atribuição cronológica, a similitude com as pedras de cor rosa do *proscænium* do teatro e a proximidade com o edifício, levam a propor uma cronologia similar. Este aspeto é relevante uma vez que teríamos, deste modo, também uma renovação arquitetural deste edifício termal em simultâneo com a renovação efetuada em outros edifícios públicos.

Outros dois exemplares também se incluem neste grupo. Um é proveniente do Castelo de São Jorge, mas sem qualquer contexto de proveniência (Fernandes, 2011, p. 290). Talhado em pedra de lioz, possui três denticulos de secção quadrada, que se ligam à base através de uma dupla moldura e o intervalo decorado por uma flor. As rosetas, em número de duas e parte de outra, possuem quatro pétalas e botão central relevado, correspondendo uma delas a uma “flor em girândola” com paralelos em cornijas de *Colonia Patricia*, datadas de época tardo augustana ou posterior (Carlos Márquez, 1988, n.ºs 2 e 70). A delicadeza dos motivos e a qualidade do talhe evidenciam boa técnica.

Outro exemplar, já por nós também analisado (Fernandes, 2007, pp. 291-336; 2011,

p. 290), foi identificado na Praça da Figueira em 2000/2001⁶. Possui cinco dentículos, de secção quadrada e dois no lado menor uma vez que corresponde ao ângulo da peça. Paralelos de Córdoba (Carlos Márquez, 1998, n.º 900, p. 161), Segobriga (Abascal *et al.*, 2004, pp. 219-244, figs. 14, 17, 18 e 22 e pp. 234-235), ou de Clunia (Gutiérrez Behemerid, 2004, p. 276), de cronologias júlio-claudianas, podem-se indicar. Apesar de a peça ter surgido em contextos do século III d.C., ela será anterior, podendo ter pertencido a um pórtico da via romana identificada no local (Silva, 2005) e atribuível cronologicamente aos meados/finais do século I d.C. (Fernandes, 2007, p. 317).

Consolidação das opções ornamentais: finais do século I e século II d.C.

Neste período integra-se a grande maioria dos elementos arquitetónicos de que temos conhecimento. A sua quantidade e diversidade evidenciam um comércio intenso e uma prosperidade citadina que justifica a vinda de *ateliers* ou a realização de encomendas. Pensamos que, na sua quase totalidade, as peças que se mencionam são produzidas na cidade ainda que os modelos sejam, naturalmente, os utilizados na capital de província.

O comércio de modelos cartonados a empregar em elementos arquitetónicos está perfeitamente atestado no império, especialmente no sul da Península Ibérica. Naturalmente, toda a ornamentação mais cuidada e pormenorizada seria copiada através destes modelos de origem centro imperial ou, mais provavelmente, de *Augusta Emerita*. Os designados “Skizzen” ou “Musterbucher” (Gros, 1976, p. 63; Sauron, 1979, p. 204; Pensabene, 1973, p. 189) seriam amplamente utilizados, copiando assim, fielmente, a ornamentação a esculpir em cornijas, capitéis, bases e demais elementos.



Terceira etapa decorativa do teatro

Possuímos 16 fragmentos de capitéis jónicos no teatro, recolhidos na década de 1960 que se integram nesta nova fase decorativa. Apesar de desconhecermos a sua dimensão e decoração global, observam-se algumas molduras sogueadas no *balteus*, folhas de água a decorar a face lateral, um exemplar com *kyma* ornamentado com um óvulo quase plano e flechas estilizadas ou lancetas; outro fragmento possui um óvulo de grande dimensão, ladeado por profundas molduras que delinham, em simultâneo, o elemento separador contíguo (Fernandes, 2011, p. 275). Um fragmento de maiores dimensões, recolhido em 2006, conserva cerca de metade do balaústre, ou *pulvinus*, decorado com folhas de água e frontalmente com voluta espiraliforme com uma roseta quadripétala. É evidente o efeito naturalista, sem uso de trépano, atribuível à segunda metade do século I, ou século II d.C., tal como os restantes exemplares (Fernandes, 2011, pp. 274 e 275).



FIG. 2
 Fragmento de capeamento de ara do Palácio de Penafiel (jardim). Vista frontal (2-1) e vista lateral (2.2).
 Fragmento de capitel do possível templo identificado junto ao teatro romano.
 (© Lídia Fernandes / Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).

Sublinhamos, no entanto, que estas peças não terão substituído os exemplares jónicos revestidos a estuque da fachada cénica de tempos de Augusto. Esta estrutura não será alterada conservando-se como testemunha da iniciativa imperial e, essencialmente, como uma homenagem ao próprio imperador. Não está subjacente um desconhecimento de novos modelos ornamentais ou anacronismos decorativos, antes o cumprimento de uma *consuetudo* itálica que transforma o edifício cénico num modelo propagandístico e testemunho icónico dos primeiros tempos da municipalização citadina.

Outros capitéis jónicos

São dois pequenos fragmentos, um proveniente do Palácio Penafiel, recolhido em

1992, de calcário, que conserva apenas parte de um *pulvinus* de capitel jónico (FIG. 2-1 & 2-2). A curvatura espiraliforme da voluta é pronunciada, com roseta tripétala com botão central relevado e repartido. A decoração lateral apresenta folhas de acanto um pouco estilizadas. Datamos este exemplar dos finais do século I d.C. ou inícios da seguinte centúria.

O segundo fragmento foi recolhido no interior do tanque / cisterna associado ao edifício de culto identificado do lado nascente do teatro (Fernandes e Grilo, 2019) e é talhado em mármore branco, com acentuado relevo e efeitos de claro/escuro (FIG. 3). A voluta possui roseta quadripétala, com vestígios de trépano, e a parte lateral apresenta folhas de água estilizadas. Datamos este exemplar da primeira metade do século II d.C..



FIG. 3

Capitéis coríntios provenientes da Rua da Padaria
(© Ricardo Santos / Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).

Capitéis coríntios

Do século II d.C. são dois capitéis coríntios, de calcário branco, recolhidos na década de 1960 na Rua da Padaria⁷ (Fernandes, 2002, p. 237-256; 2011, pp. 276 e 277) (FIG. 3).

Possuem duas coroas de folhas compostas por lóbulos que se dispõem paralelamente e com perfil arredondado na terminação. As folhas da *imma folia* possuem cinco lóbulos. Na *summa folia* encontramos folhas semelhantes, ainda que na nervura central desapareça o traço inciso a meio. Os sulcos, realizados a bisel, acompanham toda a altura

da folha a qual se desgarra, superiormente, do *kalathos*. Os lóbulos, organizados em conjuntos de três folhinhas mostram pormenor da sobreposição lobular, característica que se presencia sobretudo a partir da época de Augusto.

Entre as folhas da *imma folia* dispõem-se os caulículos, sendo nítida a sua verticalidade. A proporção entre os dois registos inferiores - *imma e summa folia* - e o superior - hélices, volutas e ábaco - não segue os padrões canónicos do século I d.C., concedendo uma notória importância ao primeiro em detrimento do segundo, o que se traduz

numa maior horizontalidade das volutas e hélices, que contrasta com a verticalidade dos elementos inferiores. Esta alteração da proporção do capitel torna-se mais notória a partir dos finais do século I d.C. e mais acentuada na seguinte centúria.

Na parte superior do ábaco observa-se um pequeno *scamillus*, mais reentrante em relação ao diâmetro do ábaco, elemento que confirma o cuidado técnico e o perfeito conhecimento das técnicas então em uso na realização deste tipo de peças. Integramos este exemplar na primeira metade do século II d.C., com paralelos em exemplares de Córdoba e Itálica (Sevilha).

A outra peça apresenta a característica de não se encontrar terminada, mas é evidente a semelhança com a anterior. A decoração mais pormenorizada não está concluída, ainda que a marcação dos vários elementos esteja presente. A razão do não acabamento deste exemplar prende-se com o facto de a estereotomia inicial do bloco ter sido mal realizada sendo maior a altura de um dos lados.

Sem que saibamos mais pormenores sobre o local de aparecimento destas peças, a proximidade com as Termas dos Cássios ou o Largo de St.º António, onde se poderia ter situado uma das portas monumentais da cidade, são hipóteses. No primeiro caso a ordem arquitetónica utilizada no edifício termal foi a jónica, evidenciada por dois exemplares atribuíveis ao século IV d.C. Não nos parece que estas peças tenham substituído uma eventual ordem coríntia anterior. No caso do Largo de St.º António (Vale e Fernandes, 1994), a “Porta do Ferro”, eventual arco monumental de época romana, que aí pode ter existido tendo sido integrado na Cerca Velha com a designação de Arco de N.ª Sr.ª da Conceição, pode ter empregue tais exemplares. A ter aqui existido um arco romano, eventualmente um *tetrapylon*, não nos parece que possa ter sido ornamentado com outra ordem que não



FIG. 4

Fragmento de capitel das Galerias Romanas
(© CML | DMC | DPC | CAL | Nuno Mota 2017).

a coríntia. Os capitéis com 43 cm de altura e eventualmente com uma base de 33 cm pressupunham uma altura total de coluna que rondaria os 3,7 m. Se acrescentarmos o *podium* com cerca de 1,48 m, o conjunto teria uma altura superior a 5 m, o que se coaduna com a dimensão de um eventual arco.

O facto de as duas peças, uma terminada e outra não, terem surgido no mesmo local, poderá ser interpretado como tendo existido nas proximidades, o respetivo *atelier*, aspeto que nos parece de realçar uma vez que se pode depreender que os mesmos não chegaram a ser empregues no edifício a que se destinavam.

Um outro capitel surgiu na intervenção arqueológica das galerias romanas (Mota e Martins, 2018, pp. 78-101) (FIG. 4). Apesar de se tratar de um fragmento integramo-lo claramente no século II d.C. com paralelos em Mérida, Itálica e Écija (Gutiérrez Behemerid, 1992, respetivamente n.ºs 422, 455 e 461), ou com exemplares de Córdoba (Carlos Márquez, 1993, n.ºs 78, 81 e 85), enquadráveis entre os inícios a meados do século II d.C.. Este exemplar apresenta a morfologia dos lóbulos inferiores típica de peças deste período.

Esta morfologia dos lóbulos tem também paralelos próximos com um capitel, também coríntio, de Torres Vedras (Fernandes, 1997, n.º 76)⁸. Como aquele, este integra-se nos meados ou primeira metade do século II d.C.⁹. Este facto é relevante pois comprova, como já tivemos oportunidade de afirmar, a presença de *ateliers* que abasteciam, simultaneamente a cidade e o *territorium* sob sua jurisdição. Esta peça é da *villa* identificada em Runa (Alto do Penedo), junto à via que passava entre *Olisipo* / *Eburobritium* (Mantas, 2000, pp. 11-25). Também como por várias vezes referimos, os locais situados junto às vias concentram um maior número de exemplares e onde se verifica um léxico ornamental mais padronizado (Fernandes, 1997, vol. IV, pp. 283-292).

Outros capitéis

Um pequeno capitel corintizante¹⁰, com 25 cm de altura, proveniente de Freiria (Cascais), é atribuível à 1.ª metade ou meados ao século II d.C. (Fernandes, 1997, n.º 102; 2012, pp. 131-148). Outro exemplar, de igual tipologia, recolhido na Casa dos Bicos (Fernandes, 1997, n.º 101; 1998, pp. 113-135), apresenta folhas estilizadas, semelhantes a palmetas, com uma terminação dos lóbulos particular que também se regista em outros exemplares do sul da Península Ibérica, como o caso de Cadafais, Alcácer do Sal, Santarém, Itália e Córdoba. O motivo da palmeta, em particular a terminação circular, constitui uma morfologia distintiva que obriga a considerar o emprego de cartões (os já mencionados “skizzen” ou “musterbücher”).

Um capitel corintizante de Cadafais (Alenquer), do qual se desconhece a sua precisa proveniência (Fernandes, 2012), apresenta as faces centrais do *kalathos* ornamentadas com três motivos distintos. Em duas das faces contíguas está esculpida uma palmeta de oito lóbulos, sendo a outra face

ornada por hastes vegetalistas. Por fim, outra face oferece uma estrela de seis pétalas. Integramos este exemplar no século II d.C., sendo a sua ornamentação habitual no léxico decorativo. Cadafais, seria, assim, uma região integrada nos circuitos dos *ateliers* de produção deste tipo de peças habitual por toda a província da Lusitânia e do império romano.

Em Sacavém regista-se um capitel de folhas lisas (Fernandes, 1998, pp. 97-101) atribuível também à segunda centúria. Pensamos atualmente que talvez esta peça, com 34 cm de altura, possa ter sido composta por dois elementos, faltando-lhe a parte inferior com um nível inferior de folhas. Corroboramos a cronologia antes atribuída, o século II d.C.. De Loures provém um capitel que se pode associar à ordem dórica, embora a simplicidade do seu perfil e o seu afastamento em relação à molduração do capitel toscano nos tenha levado a considerá-lo mais próximo do dórico (Fernandes, 1998, pp. 93-96). Somente com 18,5 cm possui um ábaco quadrado pouco alto seguido por um pequeno toro e um *kalathos* apenas com 8 cm de altura e formato troncocónico. O contexto da peça não é elucidativo embora possa ser relacionável com a necrópole do Baixo-Império (Oliveira, 1996, p. 22), o que não obsta que possa ser de uma cronologia anterior.

Sofitos

Registam-se em *Felicitas Iulia Olisipo* três sofitos os quais podemos incluir cronologicamente entre os séculos I e II d.C. Um está reaproveitado no cunhal sudoeste da Sé Catedral (Fernandes, 2011, p. 294), sendo um bloco calcário de grandes dimensões¹¹, encontrando-se a parte visível decorada por moldura com perfil em “gola direta” (Bonneville, 1980, p. 97, n.º 32) e que corresponde à parte inferior da arquitrave¹². Datamos este exemplar, com algumas reservas, dos finais do século I d.C. ou século II d.C..

Um exemplar idêntico encontra-se nos antigos “Armazéns Sommer”, reintegrado na boca de um poço. A decoração de uma das faces é idêntica à peça da Sé. O exemplar encontra-se exento, exibindo um comprimento completo de 2,47 m de e uma altura de 45 cm. Na face tardo observam-se negativos de encaixe¹³, possivelmente da respectiva cornija. Dadas as suas proporções esta peça deverá ter pertencido a um edifício público.

Provavelmente de cronologia anterior é o soffito surgido na intervenção arqueológica realizada em local próximo, no Arco de Jesus, em 2010¹⁴. Os elementos desta arquitetura encontravam-se reaproveitados possivelmente na ombreira de uma das portas da muralha tardo-romana. As peças são claramente anteriores sendo ali reutilizadas como material de construção. A decoração limita-se a uma moldura reta, pouco saliente, junto ao que será o limite da peça e que a acompanharia longitudinalmente, e uma roseta na parte central, de cinco pétalas, de relevo contido e pequeno botão central.

Bases

Uma base ática que podemos integrar na segunda centúria, foi identificada em 1996, numa intervenção arqueológica levada a cabo pelo então IPPAR na Baixa Pombalina (Marques e Santos, 1996). Talhada em calcário branco, possui um plinto quadrado, pouco alto e dois toros estreitos sobrepostos, separados por escapos também pequenos e pouco profundos com finas molduras de separação (Fernandes, 2011, p. 283). Os diâmetros semelhantes dos dois toros e entre estes e o plinto leva a propor uma cronologia dos finais do século I d.C. ou inícios do século II d.C..

Mais tardia, talvez de meados daquela centúria, é o exemplar da Casa dos Bicos identificada na década de 1980 (Fernandes, 1999; 2011, p. 282). É uma base ática, perfeitamente evolucionada, mas bastante simples,

somente com uma moldura a acompanhar cada um dos toros os quais, no entanto, apesar de apresentarem diâmetros distintos não possuem uma diferença acentuada.

Outros elementos

Proveniente da Rua da Saudade é um fragmento de edícula de um possível monumento funerário (Fernandes *et al.*, 2015, p. 207) que apenas conserva a sua parte superior¹⁵. Observa-se a representação esquemática e em miniatura, de um pequeno templo que enquadraria o espaço da inscrição. Está representado parte de um tímpano e parte de uma coluna encimada por capitel corintizante. O efeito plástico neste último elemento é evidente, com contrastes de claro/escuro e relevo acentuado. Talvez produto de um *atelier* provincial que laboraria em *Olisipo* eventualmente nos finais do século I d.C. ou, mais provavelmente na primeira metade do século II d.C..

Capeamentos de ara

Os capeamentos de ara da região olisiponense apresentam uma unidade marcante. Tivemos ocasião de comentar em algumas ocasiões estas peças (Fernandes, 1996, pp. 179-187; 2007a), e no início do trabalho identificámos o que pensamos ser a peça de cronologia mais recuada. O grupo que integramos nesta nova fase distingue-se do exemplar anterior pelo material empregue – o calcário ao invés do biocalcarenito - mas também pela morfologia e tipificação dos motivos empregues. A linguagem ornamental é restrita a um conjunto de *ornamenta* bem padronizado, o qual comunga do léxico do capitel jónico (Fernandes, 1997, p. 330), do qual deriva formal e decorativamente.

Se alargarmos a área de pesquisa ao *territorium* olisiponense, o número de exemplares aumenta uma vez que se registam peças em Torres Vedras (2 exemplares), Mafra (4), Sintra (11), Cascais (3) e Loures (1), num total

de vinte e uma peças¹⁶ (Vieira, 1998) sendo a região de Sintra a que concentra, incomparavelmente, um maior número, em especial a localidade de Faião, onde se registam cinco exemplares.

Da Casa dos Bicos provém um dos exemplares mais conhecidos (Fernandes, 1999) com uma decoração que o permite atribuir ao século II d.C., possivelmente aos finais da centúria. Semelhante é um exemplar da Póvoa de St.º Adrião (Loures) depositado no Museu Nacional de Arqueologia (Matos, 1995, p. 120, n.º 55).

Mais recentemente, em escavações realizadas na Casa dos Bicos, dirigidas por Manuela Leitão e Victor Filipe, foram identificados três novos exemplares encontrando-se reaproveitados na muralha romana tardia aí existente¹⁷ (FIG. 5-1). Um dos exemplares visualiza-se frontalmente e apresenta dois registos, sendo o inferior decorado por quatro linguetas ou arcos, com molduras a estabelecer a separação. É evidente um certo “barroquismo” da composição decorativa, ainda que com evidente qualidade técnica. Enquadramos cronologicamente este exemplar no século II d.C., tal como os dois restantes. Destes somente se observam as faces laterais, sendo que a decoração de um dos *plinthus* é similar ao encontrado no local na década de 1980. O emprego de cartões distintos documenta-se pelo emprego de *ornamenta* de qualidade e grau de esquematização muito diferentes.

Um pouco mais tardio é um outro capeamento, proveniente do Castelo de S. Jorge o qual, embora fragmentado, conserva parte da sua decoração composta por grossas molduras, separadas por pontas de flecha de morfologia esquemática e o arranque do *fastigium*. O *pulvinus* apresenta uma decoração esquemática com repetitivos traços que representam folhas, características que levam a propor uma cronologia de entre os finais do século II d.C. e inícios do III d.C..



FIG. 5

Alguns capeamentos de ara identificados em Lisboa:
1- Casa dos Bicos (© Victor Filipe); 2 – lado oriental do Castelo de S. Jorge (muralha) (© Lídia Fernandes / Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC); junto à Alcáçova (© João Pimenta); 4 – Norberto de Araújo; 5 – Palácio Fronteira (no jardim, mas provavelmente de Odrinhas); 6 – antigos “Armazéns Sommer” (© Lídia Fernandes / Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC); 7 - Palácio junto ao Chafariz d’El Rei (© Paulo Fernandes / Museu de Lisboa).





Capeamentos de ara

Monumentos funerários

Entende-se por capeamento de ara o elemento decorativo que coroava os cipos, retangulares ou quadrados, de caráter funerário. Os capeamentos são talhados de forma a possuírem uma área côncava no seu interior onde são feitas as libações ao defunto.

Este tipo de monumento aproveita as faces laterais do capitel jónico canónico, caracterizado por ter dois *pulvini* apostos, uma espécie de balaústres, colocados horizontalmente. Frontalmente, o remate do cipo seria feito por duas volutas laterais as quais, na grande maioria dos casos, são substituídas por rosetas de acentuadas dimensões. A grande diferença em relação ao capitel jónico estabelece-se na parte frontal. Aqui, substituindo o tradicional *kyma* jónico decorado por óvulos e lancetas ou pontas de seta, a superfície apresenta-se lisa, moldurada no seu contorno ou decorada por outros elementos. Frequentemente, o eixo da composição é marcado por um *fastigium* o qual não é mais que uma palmeta estilizada, uma espécie de florão que axializa o conjunto.

O modelo para este tipo de peças encontra-se em Itália, na área centro-imperial, apresentando estes monumentos dois tipos arquitectónicos algo distintos. Por um lado, os que utilizam o corpo do altar quadrangular como câmara sepulcral, sendo o coroamento feito com os mencionados *pulvini* e respectivo tratamento frontal do coroamento. Este tipo desenvolve-se em Itália no século II a.C.. Outro tipo, mais recente, corresponde a um altar monolítico, onde o coroamento, por vezes também realizado num só bloco, formavam um conjunto o qual seria colocado por cima da câmara sepulcral, seguindo a seriação aplicada por Beltrán Fortes (2004, p. 101).

Embebido na muralha do lado oriental que ladeia a alcáçova do castelo foi identificado um capeamento que conserva base e *fastigium*, sendo aquela acentuadamente alta, com *plinthus* decorado por largas linguetas côncavas. Atribuímos uma cronologia do século III d.C. (Fernandes, 2011) (FIG. 5-2). Uma peça semelhante encontra-se no Museu de Torres Vedras, ainda que aqui se verifique um talhe mais rude e molduras mais largas. Um fragmento de capeamento foi recolhido na década de 1990 na parede de uma edificação moderna à entrada do Castelo de S. Jorge, em Lisboa¹⁸, com uma decoração um pouco distinta das restantes. Apenas conserva parte da face frontal decorada por duas grandes rosetas com 11 ou 12 pétalas em baixo-relevo. A rodeá-las uma moldura sogueada enquadrada por finos filetes relevados. É o exemplar que denota uma decoração mais

diferenciada do conjunto de capeamentos até agora identificados em *Felicitas Iulia Olisipo*. Datamos o exemplar também do século II d.C. (FIG. 5-3).

Um fragmento de capeamento que conserva o *fastigium*, de mármore, foi identificado em 2004, no n.º 2 da Rua da Saudade (Brazuna, 2005, p. 37). O léxico clássico ornamental e o emprego do mármore em vez do calcário, leva a propor uma cronologia ainda da segunda centúria (Fernandes, 2007, p. 330; 2011).

Também recolhido em intervenção arqueológica da Rua Norberto de Araújo¹⁹ (FIG. 5-4), é um exemplar de acentuada qualidade técnica e rebuscada ornamentação, com evidentes paralelos com duas das peças da Casa dos Bicos, quanto às folhas acantizantes estilizadas, e com distintas ornamentações. O plinto possui nas faces frontais e laterais

folhas acantizantes e semi-óvulos arqueados, semelhantes a molduras. Datamos igualmente este exemplar do século II d.C.

Outra peça, atualmente nos jardins do Palácio Fronteira (Fernandes, 1996) (FIG. 5-5), será proveniente de zona de Sintra / Odrinhas e é atribuível à segunda centúria. Com similitudes com a peça exenta da Casa dos Bicos, possui uma base decorada com rosetas inscritas em molduras circulares que contrastam com a ornamentação padronizada da parte superior. Temos uma dualidade de motivos que comprovam a incorporação simultânea dos modelos centro-imperiais, com *ornamenta* que, tendo na base um elemento clássico, nos surgem alterados incorporando uma nova linguagem. Os ornamentos circulares desta peça, por exemplo, devem ter na sua origem o *kyma* lémbio trilobado que encontramos por exemplo, no templo de *Venere Genetrix* do fórum de César, em Roma (Milella, 2004, p. 70, fig. 18).

Também um fragmento de capeamento de ara que somente conserva parte do *pulvinus*, com uma roseta tripétala com sulcos e botão central, foi identificado nos “Armazéns Sommer”. Encontrando-se atribuído à segunda metade do século V d.C. ou aos inícios do século VI d.C., de acordo com o contexto em que surgiu reaproveitado numa estrutura dessa época, embora a sua cronologia seja claramente a segunda centúria (FIG. 5-6).

Outro exemplar encontra-se no Rei, ou Palácio das Ratas, reaproveitado na base de um pilar, tendo surgido, no mesmo local um outro elemento arquitetónico classificado como cancela moçárabe (Fernandes, 2018, p. 72) (FIG. 5-7). Mais uma vez enquadrarmo-lo no século II d.C., apresentando motivos similares aos anteriormente descritos: *pulvinus* com folhas acantizantes, plinto com linguetas molduradas e parte superior com rosetas. Entre os dois registos uma moldura sogueada.

As peças que acabamos de descrever, da cidade de *Iulia Felicitas Olisipo* e do seu *territorium*, seguem um esquema tipológico muito próximo dos cipos funerários monolíticos, onde capeamento superior e cipo inferior eram talhados no mesmo bloco²⁰.

A desagregação dos modelos orgânicos nos séculos III e IV d.C.

Neste período engloba-se o maior número de elementos arquitetónicos de que temos conhecimento. Tal facto comprova uma continuidade construtiva, assim como a existência de uma clientela que continua a ornamentar os seus edifícios. O tipo de construção será, no entanto, substancialmente distinto do verificado no início do império. Falamos de estruturas de carácter funerário, de âmbito privado ou, no caso de edifícios públicos, de remodelações/reconstruções, não substancialmente impactantes.

O proselitismo privado passa a ser claramente em menor escala, entrando em declínio no século III d.C., especialmente com os últimos imperadores da dinastia dos Severos (Melchor Gil, 1999, p. 252). No que respeita à província da Lusitânia, os exemplos de proselitismo concentram-se em épocas tardias no convento *Pacensis*, devendo relacionar-se com a riqueza propiciada pela exploração dos recursos naturais (Andreu Pintado, 2004). No caso de *Olisipo*, os casos mais evidentes são os atribuíveis aos séculos I e II d.C. (Andreu Pintado, 1999; 2004) enquanto que, no século IV d.C., o caso das “Termas dos Cássios” constitui uma exceção. Aqui, no entanto, a obra será custeada por Numério Albano, governador provincial confirmando o facto de serem os imperadores ou membros da administração imperial a assumir tais encargos ainda que não possa ser excluída a hipótese de ter sido um patrocínio em nome privado (Melchior, 1999, p. 256).

Capitéis jónicos

Verifica-se a continuação do emprego desta ordem arquitetónica, em percurso inverso do que ocorre no império e, em especial, em *Augusta Emerita*. Assinala-se o facto de um edifício público na cidade, decerto dos mais conhecidos, as “Termas dos Cássios” ter então sofrido obras de remodelação, atestadas epigraficamente no ano 336 d.C. (Silva, 1944, n.º 22). Proveniente da intervenção arqueológica realizada em 1991 no jardim do Palácio de Penafiel, em área abrangida pelo edifício termal, é um capitel jónico que se integra nesta remodelação (Fernandes, 2007; 2009).

Um exemplar da *villa* de Frielas (Loures) (Fernandes, 2004), é precisamente igual ao capitel que associamos ao edifício termal, evidenciando a laboração de *ateliers* itinerantes que abasteciam, simultaneamente, *villae* e os centros urbanos.

Dois capitéis, também jónicos, da necrópole da atual Praça da Figueira (Fernandes, 2007), inscrevem-se nesta etapa de desenvolvimento do capitel jónico, também atribuíveis ao século III d.C., talvez dos finais da centúria. Convém sublinhar que termas e mausoléus, funcionalidade esta em que enquadrámos os dois últimos exemplares, representam edifícios muito distintos. Os últimos declaradamente privados, mas para serem vistos na área pública, os outros num edifício termal de carácter público.

Para além destes exemplares incluímos já na seguinte centúria, embora possam ser de cronologia um pouco mais recuada, duas peças que se encontram no Museu Nacional de Arqueologia, uma da Rua das Canastras e outra da qual apenas sabemos que é proveniente dos arredores de Lisboa (Fernandes, 1997, n.ºs 53 e 54; 1998, respetivamente n.ºs 5 e 6). Ambos possuem um *scamillus* exageradamente alto o qual encaixaria na arquitrave que se sobrepunha. As peças são compactas, de pequena dimensão²¹, com *kyma* ornamentado

com três semi-óvulos rodeados por largas molduras. As volutas, de idêntica altura do capitel são, em comparação, de pequeno diâmetro. O aspeto final é maciço, sem qualquer proximidade formal aos motivos orgânicos subjacentes à decoração. De Odrinhas é um outro exemplar semelhante aos que acabamos de descrever. Pouco alto, com *scamillus* e volutas de reduzido diâmetro e de altura igual ao equino.

Encontrado nos claustros da Sé de Lisboa, outro exemplar, idêntico aos anteriores, talvez enquadrável no século IV d.C., não possui *scamillus* e o *kyma*, alto, é ornado por semi-óvulos muito estilizados. Um colarinho finaliza inferiormente a peça e as volutas são de pequena dimensão (Fernandes, 1997, n.º 56).

Outros capitéis

Uma peça depositada nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia possui a indicação de ser proveniente dos arredores de Lisboa (Fernandes, 1997, n.º 113; 1998, n.º 17). Suscita dúvidas quanto à sua classificação tipológica, podendo ser interpretada como capitel de folhas lisas ou corintizante. Trata-se de um exemplar com 36,5 cm de altura, com uma *imma folia* muito linear e rígida e uma espécie de grinalda a decorar o *kalathos*. Pela estilização dos motivos e por apresentar só uma coroa de folhas lisas enquadrámos o exemplar, com dúvidas, no século IV d.C..

Dois exemplares corintizantes são provenientes de S. Miguel de Odrinhas²² (Fernandes, 1997, vol. II, pp. 227-233, n.ºs 57-68), na verdade são três blocos que correspondem a dois capitéis idênticos, mas apenas um completo. A decoração inscreve-se no “motivo liriiforme”, sendo o ornamento mais habitual neste tipo de capitel, quer no centro do império quer nas províncias. Observam-se três hastes vegetalistas, decoradas por sulcos oblíquos, que fazem lembrar molduras sogueadas, e que, perto do ábaco, se interligam através de

uma cartela. Apesar de todos os elementos decorativos que caracterizam o capitel corintizante se encontrarem presentes, existe um afastamento plástico dos modelos originais e do mundo orgânico. Enquadramos cronologicamente estas peças no século III ou mesmo IV d.C. (Fernandes, 2014b).

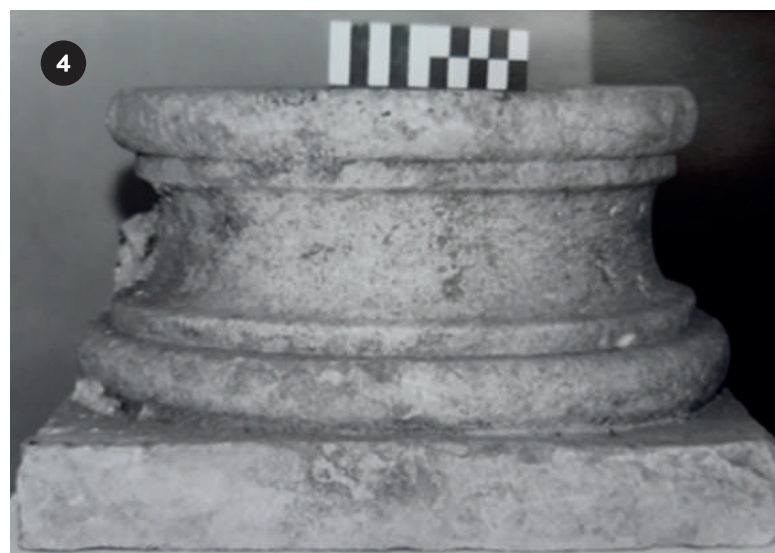
Outro capitel, também de Odrinhas, classificamos como misto (Fernandes, 2014b, pp. 13-18)²³. Associa três registos decorativos, um inferior de folhas acantizantes estilizadas, um

intermédio com linguetas verticais e, superiormente, um pequeno *kyma* jónico, embora a peça se encontre partida nessa área. O motivo das linguetas surge essencialmente nos capitéis compósitos, tal como definidos por Kähler (1939, p. 68 e ss., Tafel 12), correspondendo à forma P.Q. Datamos o exemplar do século III d.C.

Um capitel encontrado na intervenção arqueológica realizada no castelo de Lisboa em 1997 foi por nós atribuído ao século III

FIG. 6

Algumas bases de coluna tardias identificadas em Lisboa e no *ager*: 1 – Rua dos Bacalhoeiros (in Pinheiro, Santos e Rebelo, 2017, fig. 5); 2 – santuário do Alto da Vigia (Sintra); 3 – *Villa* romana do Aposento (Alenquer) (© João Pimenta); 4 – Museu Condes Castro de Guimarães (Cascais) (© Lúcia Fernandes / Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).



d.C. ou posterior (Fernandes, 1997, n.º 84). A deficiente finalização dos pormenores decorativos, a horizontalidade de alguns elementos e a não proporção canónica das partes constituintes corroboram esta atribuição.

Uma peça de Alfama²⁴, finaliza o conjunto de capitéis coríntios ou afins. É dos exemplares mais tardios, com folhas esquemáticas de curvatura pouco volumétrica e muito aderidas ao *kalathos*. A decoração liriforme das faces centrais, com o arranque de hastes vegetais da parte superior da primeira coroa de folhas, é dos mais habituais, mas sem qualquer correspondência orgânica dos vários *ornamenta* o que leva a considerar como um produto de oficina local talvez do século IV d. C..

Bases

Na Rua dos Bacalhoiros n.º 16²⁵, foi registado o que pode ser interpretado como o peristilo de uma *domus*, tendo sido encontradas duas bases *in situ*, localizadas em dois dos ângulos de um possível *impluvium*, revestido a *opus signinum* (Pinheiro, Santos e Rebelo, 2017, pp. 1295 e 1296) (FIG. 6-1). Trata-se de uma base ática evolucionada, de médias dimensões, com um escapo bastante alto e toros reduzidos. A morfologia aponta para o século IV d.C., com paralelos na *villa* de Frielas (Fernandes, 2004), ou em Mértola na Basílica Paleo-Cristã, do século V d.C. (Macias, 1993, p. 42).

Não longe de S. Miguel de Odrinhas, encontra-se documentada na segunda centúria, um santuário de culto ao Sol, à Lua e a Oceano que reúne vários elementos arquitetónicos, nos quais se incluem as bem conhecidas inscrições ao *Soli Aeterno Lunæ* e demais epígrafes mandadas fazer por elevados patronos (Ribeiro, 1995-2007). Os mais recentes achados no Alto da Vigia (Praia das Maças, Colares), testemunham uma longa diacronia e a sua relevância e direta relação com as elites governamentais. Vários elementos arquitetónicos e novas inscrições comprovam que tais

sítios *finisterræ* não estavam fora dos olhares da elite governativa. Também aqui surgiram duas bases áticas evolucionadas, semelhantes às acima mencionadas e de idêntica cronologia, século IV d.C., que terão integrado uma pequena edícula existente no local e e situada defronte para o mar (FIG. 6-2).

Da *villa* romana do Aposento (Alenquer) identificou-se uma base muito semelhante, com o característico escapo exageradamente alto, enquadrado inferior e superiormente por filetes retos simples na ligação aos toros (superior e inferior). Inferiormente um plinto quadrado e pouco alto (Pimenta e Mendes, 2013) (FIG. 6-3), tal como semelhante é uma base, identificada em contexto arquitetónico da *villa* romana de Freiria, de idênticas características e semelhante cronologia (FIG. 6-4).

Outros elementos decorativos

Na Rua do Ouro²⁶ foi identificada uma pequena ara adossada a um muro. É atribuída uma cronologia ao sítio arqueológico em redor do século II d.C., verificando-se o seu abandono entre os finais do século III e primeiras décadas do século IV d.C. (Silva e Valongo, 2017, p. 133). Quanto à funcionalidade do sítio, os autores apontam para a ideia de uma *domus*, mas também de um contexto funerário ou um caráter sagrado defendendo que a ara, feita em alvenaria e rebocada, evidencia qualidade. Somos de opinião inversa uma vez que o trabalho é primário feito em alvenaria e os elementos, como o *foculus* e o *fastigium*, são somente esboçados no estuque, sem qualquer detalhe.

Foi identificada em 2007, no Beco da Cardoso em Alfama, uma cornija (Vieira, 2012) (FIG. 7). No mesmo contexto surgiram mosaicos policromos e frescos, assim como outros fragmentos pétreos²⁷ tendo o local sido interpretado como área de despejo. A peça em questão conserva três faces decoradas e apresenta uma molduração complexa.

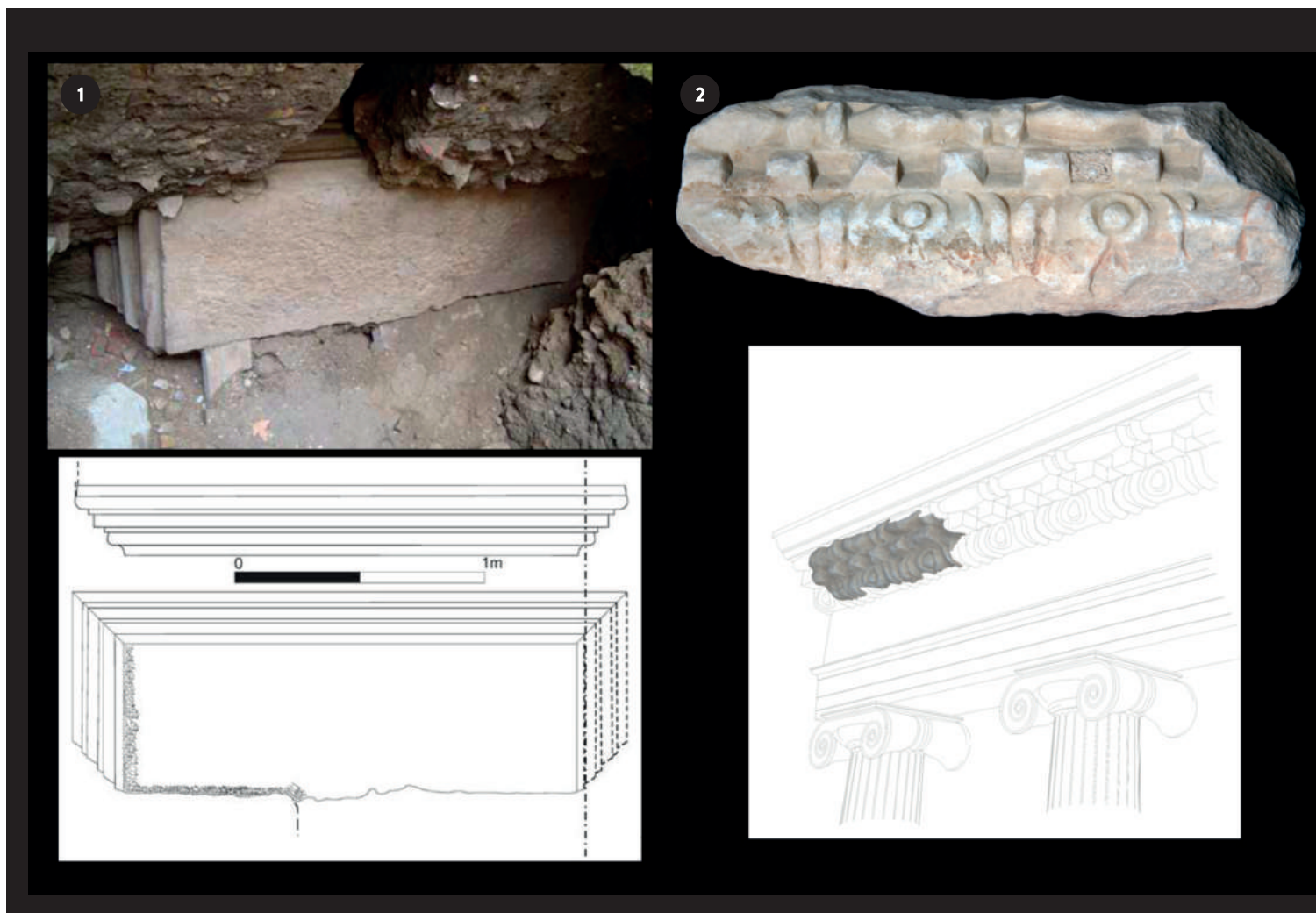


FIG. 7

Cornija e respetivo desenho (1 e 1a) do Beco da Cardosa em Alfama (in Vieira, 2019, pp. 119 e 120, figs. 2 e 3). Fragmento de cornija (2) e desenho de reconstituição hipotética da sua localização no edifício a que pertenceria (2a) (© Carlos Loureiro - Museu de Lisboa / EGEAC).

O perfil apresenta, de cima para baixo e repetindo três vezes o esquema: moldura em bocel, filete reto, moldura reta, filete reto. Diz o autor que os “... materiais parecem pertencer ao século II, estando o momento da destruição do/s edifício/s datáveis do século III, reforçada pela presença de uma moeda do imperador Gordiano II” (Vieira, 2012, p. 124). Em nossa opinião reforçaríamos a datação da terceira centúria.

Possivelmente de idêntica cronologia é uma cornija, de mármore, surgida numa intervenção arqueológica da Rua do Beco do Forno do Castelo n.ºs 14-20, em Alfama²⁸ (Mota e Martins, 2018, fig. 9) (FIG. 7-2 & 7-2A).

É decorada por um alto colarinho de pérolas e astrágalos que encima um cordão de dentículos lisos. Inferiormente, a peça possui uma gola reversa ornada por uma esquematização muito acentuada de um cimácio lébico.

Considerações finais

São quatro os momentos em que assistimos a uma vitalidade na decoração arquitetónica da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*. Nos inícios do século I d.C., com a municipalização citadina, procede-se à sua monumentalização. Este facto, que se depara congruente contrasta

com outros períodos, como os séculos III e IV d.C. onde o recrudescimento construtivo é menos evidente.

Por outro lado, e ao contrário do que nos apontam os registos cerâmicos, que assinalam um decréscimo de importação de *terra sigillata* ou da exportação anfórica no século II d.C., observa-se ao invés, um recrudescimento na produção de elementos arquitetónicos. O caso dos monumentos funerários em *Olisipo* e no seu *ager* assim o comprova. Sublinhar, a este propósito, que as inscrições honoríficas e funerárias deste século referem-se a magistrados municipais, concretamente nove duúviro e seis edis com nomes latinos, destacando-se a família *Iulia* com cinco representantes e dois da família *Cæcilia*.

O século II d.C. por exemplo é verdadeiramente excecional quanto à produção de coroamentos dos monumentos funerários. De origem itálica, a Lusitânia acolhe este novo modelo e tipifica-o, selecionando e replicando um número restrito de *ornamenta*. A cidade e o seu *ager* criam uma verdadeira moda de monumentos funerários muito provavelmente numa época em que estes modelos já não eram utilizados na zona central do império.

Olisipo e o seu *ager* oferecem quanto a estes elementos, uma grande unidade. Faião, em particular, parece constituir um epicentro produtivo deste tipo de monumentos assim como uma intensa e particular ocupação, como já por várias vezes vários autores sublinharam. Aspetos simbólicos ligados a cultos ancestrais e a comprovação da presença de elementos da elite olisiponense de matriz fortemente itálica, como o atesta, por exemplo, a inscrição dedicada a *Ilurbeda*, confirmam a relevância do local. Não será por acaso que aqui se regista um *pagus marmorarius* (Ribeiro, 2013, pp. 358-362).

No que respeita às ordens arquitetónicas utilizadas na cidade, foi a jónica a mais empregue ao longo de toda a dominação romana. Ao contrário do que ocorre no império, em

Felicitas Iulia Olisipo, esta ordem não será substituída pela coríntia. Perdurará na decoração arquitetónica ainda que as suas características se alterem. Os capitéis, por exemplo, diminuem de tamanho e a decoração assemelha-se a um baixo-relevo, com uma ornamentação progressivamente esquemática (Fernandes, 2004, p. 28).

Este é um aspeto que individualiza, em termos ornamentais, a cidade. A ordem arquitetónica coríntia regista-se raramente, sendo os seus subtipos que prevalecem, destacando-se o capitel corintizante. Neste caso, a influência de *Augusta Emerita* não foi determinante, o que leva a considerar a existência de uma elite municipal capaz de impor o seu gosto e o desejo de individualização em relação à capital de província.

A grande difusão que este tipo de capitel teve em todo o império deve-se a uma intensa e extensa divulgação dos cartões decorativos e a uma maior liberdade ornamental. As matrizes não excluem motivos locais, que se empregam de forma individualizada constituindo *ornamenta*, por vezes, sem paralelos identificáveis (Fernandes, 1997, vol. I, p. 426). Os *ateliers* itinerantes terão desempenhado um papel relevante na divulgação dos cartões o que se comprova pelo maior número de peças ao longo das duas vias terrestres que ligavam *Felicitas Iulia Olisipo* a *Augusta Emerita* (Fernandes, 1997).

Olisipo situa-se assim, numa encruzilhada onde novas influências são recebidas e adotadas, mas conservando, em muitos casos, uma matriz anterior que impede a plena adoção de novos modelos. O caso do teatro é paradigmático. Por um lado, o monumento renovava-se acompanhando de imediato, logo em meados do século I d.C. as novas correntes de marmorização que alastram pelo império. Por outro, a fachada cénica mantém-se inalterada até ao fim da vida útil do edifício. A antiga tradição republicana de revestir a estuque os elementos arquitetónicos não será beliscada,

respeitando-se a inicial ordem arquitetónica que o decorou, assim como a técnica originalmente empregue.

As novidades ornamentais chegam rapidamente à cidade, quer através de cartões e modelos, quer pela vinda de *ateliers*, alguns provavelmente itinerantes que abastecem, em especial em épocas mais tardias, a cidade e as *villae* que se constroem em redor.

A atualização de reportórios iconográficos não se revela um obstáculo em *Felicitas Iulia Olisipo*. Trata-se de uma cidade portuária que desempenhou um papel relevante na ligação entre várias regiões do império. Os vestígios que se conservam oferecem um panorama por um lado algo incoerente, revelando um provincianismo intencional na forma como se mostrou ao mundo, mas, em simultâneo, de um cosmopolitismo igualmente evidente.

Notas

¹ Tudo indica, no entanto, que a verdadeira data de fundação da capital da Lusitânia será o ano 24 a.C. e não 25 (Barrera Antón, 2014, p. 49).

² Remetemos para o artigo, constante neste volume, sobre o monumento cénico.

³ Vide n.º 2.

⁴ Recuperados sem contexto na intervenção arqueológica de 2015 realizada no interior do teatro.

⁵ Atualmente está depositada na Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna (Rua de São Mamede n.º 23).

⁶ Intervenção dirigida por Marina Carvalhinhos e Rodrigo B. Silva, do então Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa.

⁷ Estes exemplares foram adquiridos pela Câmara Municipal de Lisboa em março de 2018 à leiloeira Correio Velho. Pertenciam à coleção do Professor José Hermano Saraiva, tendo sido colocadas em leilão pelos seus herdeiros (N.º inv. ML.ESC.0762; ML.ESC.0763).

⁸ No trabalho citado enquadrámos este exemplar no século I d.C., atualmente pensamos que esta cronologia deverá avançar para a agora proposta.

⁹ Peça recolhida na década de 1930 por Aurélio Ricardo Belo na villa romana de Runa (Aldeia do Penedo). Agradecemos a Isabel Luna o envio de nova documentação sobre a peça, assim como a cedência de imagens.

¹⁰ Tipologia derivada da ordem coríntia e que se caracteriza pela integral vegetização da decoração. Foi individualizado como tipo distinto, em 1923, por K. Ronczewsky.

¹¹ Comprimento: 1,96 m; altura: 0,43 m; profundidade: 0,57 m.

¹² Salette Salvado e Seomara da Veiga Ferreira já haviam comentado este elemento arquitetónico: Salvado e Ferreira, 1984, pp. 3-26.

¹³ São várias as concavidades que apresenta, conservando vestígios de chumbo. Num dos limites (face lateral) encontra-se um negativo profundo em forma de “cauda de andorinha”.

¹⁴ Intervenção feita por Vasco Leitão no âmbito do “Projeto Integrado de Estudo e Valorização da Cerca Velha”, projeto municipal financiado pelo Instituto de Turismo de Portugal e sob a direção geral de Manuela Leitão a quem agradecemos as informações prestadas.

¹⁵ Recolhido na intervenção arqueológica realizada em 2002 no n.º 2 da Rua da Saudade pela Era Arqueologia (responsável científico Sandra Brazuna). Conserva uma largura de c. 30 cm.

¹⁶ De forma a não nos alongarmos neste tema, cf. o trabalho de Carlos Vieira (1998) onde o autor faz um levantamento destas peças, remetendo-se para a bibliografia indicada. A proposta tipológica que apresenta não é, em nossa opinião, a correta e deriva de erros de interpretação dos *ornamenta*, pelo que não seguimos as considerações aí apresentadas.

¹⁷ Estas peças encontram-se visíveis no atual núcleo arqueológico Museu de Lisboa - Casa dos Bicos.

¹⁸ No âmbito da intervenção arqueológica realizada no local e dirigida por Alexandra Gaspar e Ana Gomes. Agradecemos a informação sobre a peça e a fotografia a João Pimenta (CM Vila Franca de Xira).

¹⁹ Intervenção arqueológica realizada por Nuno Mota e Marina Carvalhinhos. O elemento encontrava-se embebido ao nível do primeiro piso da face sul da muralha medieval/moderna que passa nas Portas do Sol, ao nível da Rua Norberto de Araújo. Pela sua relevância a peça foi removida do local.

²⁰ O aspeto final destes monumentos funerários seria em nossa opinião, algo diferente do proposto no Museu Arqueológico de Odrinhas, uma vez que deveria repousar diretamente em cima do cipo funerário sem uma imposta moldurada a separar os dois elementos. A peça em questão é um cipo prismático, encontrado nas paredes da Ermida de São Miguel de Odrinhas, Sintra. É datável do século II d.C. e apresenta a seguinte inscrição: “Aos Deuses Manes de Marcus Valerius Gallio, inscrito na tribo Galeria, falecido com 33 anos de idade. Licinia Maxuma, sua mãe, mandou fazer este monumento”.

²¹ Respetivamente 19 e 22 cm de altura.

²² Depositados nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia.

²³ Recolhido em 1957 por Fernando de Almeida junto à Capela de S. Miguel em Odrinhas.

²⁴ Propriedade particular. Agradecemos a Clementino Amaro ter-nos dado a conhecer este exemplar.

²⁵ Sob a direção de Helena Pinheiro e Raquel Santos (Neoépica, Património e Arqueologia), a quem agradecemos a partilha de trabalhos ainda em publicação.

²⁶ Intervenção arqueológica de 2014 sob a direção de António Valongo, Rua do Ouro, n.º 133-145.

²⁷ Um deles foi igualmente interpretado como cornija embora não nos pareça poder ser classificado como tal. O trabalho de picotado que a peça ostenta parece ser de cronologia muito posterior com negativos de afeição mecânica da superfície (Vieira, 2012, fig. 1).

²⁸ Intervenção arqueológica da responsabilidade científica de Nuno Mota e Pedro Miranda, a quem agradecemos o convite para o estudo do exemplar.

Referências

- ____ (1892) - *Catalogo do Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa.
- AAVV (1994) - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa.
- AAVV (1995) - *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*. Catálogo da Exposição. Lisboa: Fundação Millenium BCP.
- Abascal Palazón, J. M.; Cebrián Fernández, R.; Trunk M. (2004) - Epigrafia, arquitectura y decoración arquitectónica del foro de Segobriga. In Ramallo Asensio, S., coord. - *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de Occidente. Actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena entre los días 8 y 10 de octubre de 2003*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 219-256.
- Acuña Castroviejo, F. (1974) - Mosaicos romanos de Hispania Citerior. III – Conventus Bracarenensis. Separata de *Studia Archaeologica*. Santiago de Compostela-Valladolid. 31.
- Adam, J. P. (1989) - *La construction romaine*. Paris: Ed. Picard.
- Adam, J. P. (1994) - *L'arte di costruire presso i romani. Materiali e tecniche*. Longanesi & C. Milano.
- Aguarod Otal, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- Alarcão, J. (1982) - O Teatro romano de Lisboa. In *Actas del Simpósio «El Teatro en la Hispania Romana»*. Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valência, pp. 287-301.
- Alarcão, J. (1985) - *Introdução ao estudo da casa romana* (Cadernos de Arqueologia e Arte 4) Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Alarcão, J. (1994) – Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 58-63.
- Alba, M. (2002) - Datos para la reconstrucción diacrónica del paisaje urbano de Emerita: las calles porticadas desde la etapa romana a la visigoda. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas en Mérida*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 6, pp. 371-396.
- Alexander, M.; Khader, A.; Besrour, S.; Ben Mansour; Soren, D. (1980) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie* Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art. II: 1.
- Alexander, M.; Khader, A.; Soren, D.; Spiro, M. (1994) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis: Institut National du Patrimoine. II: 1.
- Almeida, F. (1966) - Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa. In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto, 4 a 6 de Junho de 1965)*. Lvcerna. Porto. 5, pp. 561-571.
- Almeida, F. (1967) - *História da Igreja em Portugal*. 2.^aed.. Porto: Portucalense Editora. 1.
- Almeida, F. (1972) - Parecer hidrogeológico sobre uma sondagem executada no Largo do Chafariz de Dentro para o Metropolitano de Lisboa. *Revista da Faculdade de Ciências*. Lisboa. 2.^a série. C - Ciências Naturais. XVII: 1, pp. 187-196.
- Álvarez Martínez, J. M. (1990) - *Mosaicos Romanos de Mérida: Nuevos Hallazgos* (Monografías Emeritenses 4). Mérida: Ministerio de Cultura.
- Álvarez Martínez, J. M. (1992) - El templo de Diana. Templos Romanos de Hispania. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidade de Murcia. 1, pp. 83-93.
- Alves, I. (2010) - *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.
- Amaro, C. (1982a) - Casa dos Bicos - Notícia Histórico-Arqueológica. *Revista Arqueologia*. 6, pp. 96-111.
- Amaro, C. (1982b) - Casa dos Bicos - seu historial. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 0, pp. 15-16.
- Amaro, C. (1983) - XX séculos de Arqueologia e História. In *XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura (Casa dos Bicos)*. Lisboa.
- Amaro, C. (1994) - A Indústria Conserveira na Lisboa Romana. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 76-79.
- Amaro, C. (1995) - Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. *IV Reunio De Arqueologia Cristiana Hispanica* (28 Setembro a 2 Outubro, 1992 Lisboa). Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 337-342.
- Amaro, C.; Caetano, M. T. (1994) - Breve Nota sobre o Complexo Fabril Romano da Rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 32/33, pp. 283-294.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2016) – The Roman Figlina at Garrocheira (Benavente, Portugal) in the Early Empire. In Pinto, I. V.; Almeida, R.; Martin, A., eds. - *Lusitanian Amphorae: Production and distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery. 10, pp. 47-58.
- Amaro, C.; Manso, C.; Sepúlveda, E. (2013) - Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 755-763.
- Amaro, C.; Sepúlveda, E. (2017) - A Presença da ocupação romana no Aljube de Lisboa. In *I.º Encontro de Arqueologia de Lisboa* (Teatro Aberto, 25-28 novembro, 2015). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 272-284.

- Andreu Pintado, F. J. (2004) - *Munificencia pública en la Provincia Lusitania (siglos I-IV d. C.)*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico» (C.S.I.C.).
- Angiolillo, S. (1981) - *Mosaici Antichi in Italia. Sardinia*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- Antunes, M. T.; Cunha, A. S. (1991) - *Santos Mártires de Lisboa. Espólio osteológico de Santos-o-Novo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Arce, J. (2002) - *Mérida tardorromana (300-580)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- AZEVEDO, L. A. (2017) - *Dissertação Crítico-Filológico-Histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendíveis circumstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castelo desta Cidade, com a intelligencia da sua Inscricção em honra de Nero, e noticia instructiva d'outras Memorias alli mesmo achadas, e até agora aparecidas. Lisboa, fevereiro de 1807*. Prefácio de Lídia Fernandes em edição fac-similada a partir do original de 1815. Lisboa: Museu de Lisboa - Teatro Romano / Apenas Livros, pp.i-xi.
- Barbosa, I. V. (1864) - Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inérito). Arrabalde de Lisboa. Chelas, Charneca e Camarate. *Archivo Pittresco*. Lisboa. 7, pp. 374-376 e 379-382.
- Barceló, C. (2013) - Lisboa y Almanzor (374H. / 985 d.C.). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 52, pp. 165-194.
- Barrera Antón, J. L. (2000) - La decoración arquitectónica de los Foros de Augusta Emerita. *Biblioteca Archaeologica*. 25. Roma.
- Barrera Antón, J. L. (2014) - Mérida Augustea. *Augusto y Emerita*. Museu Nacional de Arte Romano. Bimilenario Augusto, pp. 47-62.
- Barrera Antón, J. L. (2018) - Estudios sobre la *Scenae Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scenae Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 125-153.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. 4 vols. Lisboa: F.C.G e F.C.T.
- Batalha, L.; Pinheiro, H.; Santos, R. (no prelo) - O Peristilo de uma casa romana no n.º 16 da Rua dos Bacalhoeiros. *X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular* (Zafra, 9-11 novembro 2018).
- Becatti, G. (1961) - *Scavi di Ostia. Mosaici e Pavimenti Marmorei*. Vol. IV (2 tomos). Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 63, pp. 183-226.
- Beltrán Fortes, J. (2004) - *Monumenta Sepulcrales* en forma de altar con *pulvinus* de los territorios hispanorromanos: revisión de materiales y estado de la cuestión. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 77, pp. 101-141.
- Bem, T. C. (1755) - *Carta do Padre D. Thomaz Caietano de Bem, Clerigo Regular, a hum seu amigo Ácerca de huns monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras Negras*. Apêndice à obra de Oliveira, C. R.: *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim Ecclesiasticas, como Seculares, que há na Cidade de Lisboa*. Lisboa: na Oficina de Manuel Rodrigues, pp. 153-177.
- Blake, M. E. (1930) - *The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and Early Empire*. In *Memoirs of the American Academy in Rome*. Bergamo: American Academy in Rome, Istituto Italiano d'Arti Grafiche. VIII.
- Blanco Freijeiro, A. (1978a) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". I.
- Blanco Freijeiro, A. (1978b) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". II.
- Blázquez Martínez, J. M. (1981) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". III.
- Blázquez Martínez, J. M. (1982) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". IV.
- Blázquez Martínez, J. M.; López Monteagudo, G.; Neira Jimenez, M. L.; San Nicolas Pedraz, M. P. (1989) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VIII.
- Blázquez Martínez, J. M.; Mezquiriz, M. A. (com a colaboração de Neira, M. L e Nieto, M.) (1985) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología del Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VII.
- Bonifay, M. (2004) - Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique. Oxford: BAR International Series. 1301.
- Bonneville, J.-N. (1980) - Le monument épigraphique et ses moulurations. *Faventia*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona. 2: 2, pp. 75-98.
- Braga, P.; Gimbra, A. (2017) - *Relatório dos Trabalhos de Conservação e Restauro. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Conservação e Restauro do Mosaico, Termas Romanas e Forno de Época Contemporânea*. Lisboa: ERA, Arqueologia, S.A. Documento policopiado.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Brazuna, S. (2005) - *Relatório de Trabalhos Arqueológicos - Minimização de Impactes, Lisboa, Rua da Saudade, n.º 2 (Lisboa)*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bugalhão, J. (2003) - Mandarim Chinês, Lisboa - Contextos romanos. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, pp. 227-146.
- Bugalhão, J. (2009) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Ed. Fundação Millennium BCP.

- Bugalhão, J. (2017) - O eixo viário ocidental de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 120-123.
- Bugalhão, J.; Arruda, A.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: O cemitério romano do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) - Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa, Teatro Aberto, 22 - 24 de Março de 2018*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa.
- Bustamante Álvarez, M. (2011a) - *La cerámica romana en Augusta Emerita en la época Altoimperial: entre el consumo y la exportación*. Mérida: Asamblea de Extremadura.
- Bustamante Álvarez, M. (2011b) - Nuevas consideraciones cronológicas en torno a la producción de paredes finas emeritenses. *Zephyrus*. Salamanca: Universidade de Salamanca. LXVII, pp. 161-170.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M. (2017) - O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2016) - Novas descobertas no criptopórtico romano de Lisboa - Rua da Conceição, 75-77 (Santa Maria Maior) - 1.ª Fase. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 20, pp. 220-221.
- Caetano, M. T. (no prelo) - *Mosaico de Afrodite - Eurostars Museum Hotel Lisboa (Antigos Armazéns Sommer)*.
- Caetano, M. T. (1997) - *Musivária Olisiponense. Estudo dos Mosaicos Romanos de Olisipo e da "Zona W" do Ager*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Caetano, M. T. (2001) - Mosaicos Romanos de Lisboa - A Baixa Pombalina. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 40, pp. 65-82.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de *Felicitas Iulia Olisipo* e do seu Ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 23-35.
- Caetano, M. T. (2007) - O Último porto de Ulisses: história, urbanismo e arte de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 55-117.
- Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da Finisterra Ocidental - a *Villa* de Santo André de Almoçageme. In *X Colóquio Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIE-MA)*. Conímbriga: Instituto de Museus e da Conservação/Museu Monográfico de Conímbriga, pp. 873-887.
- Caetano, M. T. (2014) - A "proto-indústria" do mosaico romano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 207-219.
- Caetano, M. T. (2017) - "Pontilhismo e descontinuidade": os mosaicos pavimentais romanos de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 112-115.
- Calvino, I. (1996) - *As Cidades Invisíveis*. 2.ª Edição. Editorial Teorema.
- Cardoso, G. (2013) - Cerâmicas de imitação de *sigillata* tardia das *villae* de Freiria e de Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo. *Ex Officina Hispana. Cuadernos de la Secah*. I, pp. 191-204.
- Carlos Márquez (1993) - *Capiteles Romanos de Corduba Colonia Patricia*. Córdoba.
- Carlos Márquez (1998) - *La decoración Architectónica de Colonia Patricia - una aproximación a la arquitectura y urbanismo de la Córdoba Romana*. Córdoba: Obra Social y Cultural Cajasur.
- Carneiro, A.; Sepúlveda, E. (2004) - *Terra sigillata* hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7: 1, pp. 435-458.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) - Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 298-336.
- Carvalho, A.; Freire, J. (2011) - Cascais y la Ruta del Atlántico. El establecimiento de un puerto de abrigo en la costa de Cascais. Una primera propuesta. In Nogales Basarrate, T.; Rodà, I., eds. - *Roma y las provincias: modelo y difusión Hispania Antigua* (Serie Arqueológica 3). Roma: L'Erma di Bretschneider. II, pp. 727-735.
- Castilho, J. (1937) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. 2.ª edição. Lisboa: Câmara Municipal. X, pp. 25-26.
- Castilho, J. (1939) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. Lisboa: Câmara Municipal. I.
- Choisy, A. (1909) - *Traduction commentée et illustrée de dix livres*. Paris: Lahure.
- Coelho, A. B. (2008) - *Portugal na Espanha Árabe*. 3.ª Edição, revista. Lisboa: Editorial Caminho.
- Coelho, C. (2002) - Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5: 2, pp. 277-323.
- Correia, V. H.; Man, A.; Reis, M. P. (2011) - A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conímbriga. *Conimbriga*. Coimbra: Centro de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 50, pp. 127-146.

- Costa, F. B.; Carvalho, P. S., eds. (2017) - *31 Cordon Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas.
- Cruz Villalón, M. (1985) - *Mérida visigoda. La escultura arquitectónica y litúrgica*. Badajoz.
- Cunha, R. (1642) - *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Manoel da Sylva.
- Dias, M. I.; Trindade, J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A.; Prudêncio, M. I. (2012) - Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas: o caso do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 19, pp. 57-70.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D.; Sepúlveda, E. (2000) - As lucernas das escavações de 1989/1993 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 153-161.
- Diogo, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 5, pp. 179-191.
- Diogo, A. M. D. (1993) - O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Teatros Romanos de Hispânia. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Múrcia: Universidade de Múrcia. 2, pp. 217-224.
- Diogo, A. M. D. (1994a) - A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico - Fragmento de sepultura paleocristã. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1994b) - Fragmento de sepultura paleocristã (entrada de catálogo). In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 231-232.
- Diogo, A. M. D. (2000) - As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 163-179.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) - 275 - Homenagem a L. Cornelius Bocchus encontrada nas Termas dos Cássios, Lisboa. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 60.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 181-205.
- Duarte, A.; Santos, V. (2003) - A Barreira do Circo de Olisipo. *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, pp. 177-186.
- Duby, G. (1980) - *Histoire de la France urbaine*. Paris: Ed. Seuil.
- Duliere, C. (1974) - *Corpus des Mosaiques de Tunisie*. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art: I. 2..
- Durán Cabello, R.-M. (2004) - *El Teatro y Anfiteatro de Augusta Emerita - Contribución al conocimiento histórico de la capital de Lusitania*. Oxford: BAR International Series. 1207.
- Encarnação, J. (1973) - *Jornal da Costa do Sol*. Ano X, n.º 489, 1 de setembro.
- Encarnação, J. (2009) - As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade. *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais, pp. 481-493.
- Encarnação, J. (2011) - Da onomástica grega na Lusitânia romana. In Tacla, A. B., org. - *Uma trajetória na Grécia antiga. Homenagem a Neyde Theml*. Rio de Janeiro, pp. 301-312.
- Endovélico, Sistema de Informação e Gestão Arqueológica [em linha]. [Consult. Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>).
- Fabião, C. (1994) - O monumento romano da Rua da Prata. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 67-69.
- Fabião, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal Casasola, D.; Lagóstena Barrios, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.): actas del Congreso Internacional, Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003*. Oxford: BAR International Series. 1266, pp. 379-410.
- Fabião, C. (2009) - O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era, Arqueologia. 4, pp. 25-50.
- Fabião, C. (2010) - Modelos forenses nas cidades da Lusitânia: Balanço e perspectiva. In Nogales Basarrate, T., ed. - *Cuidad y Foro en Lusitanea Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 343-359.
- Fabião, C. (2013) - Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa. In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 389-409.
- Faria, A. (2001) - *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, pp. 351-362.
- Fauquet, F. (2016) - Le cirque romain. Essai de theorization de sa forme et ses fonctions. Dissertação de Doutoramento. Disponível em WWW: (URL: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01264141/document>).
- Fernandes, L. (no prelo) - *El post scaenium* del teatro romano de Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa. In *Actas del Symposium Internacional La porticus post scaenam en la arquitectura teatral romana (Cartagena, 19 y 20 de octubre de 2018)*.
- Fernandes, L. (1996) - Sobre um Capitel de ara do Palácio Fronteira. In *Miscellanea de Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 170-188.

- Fernandes, L. (1997) - *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História de Arte / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (1998) - Elementos arquitectónicos de época romana do concelho de Loures. *Da Vida e da Morte: os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. pp. 93-105.
- Fernandes, L. (1999) - Elementos arquitectónicos de época romana da Casa dos Bicos - Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 38, pp. 113-135.
- Fernandes, L. (2001) - Capitéis do Teatro Romano de Lisboa. *Anais - Revista del Museo Nacional de Arte Romano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 14, pp. 29-51.
- Fernandes, L. (2002) - Sobre dois capitéis de Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 41, pp. 237-256.
- Fernandes, L. (2004) - Decoração arquitectónica da villa romana de Frielas. In *Arqueologia como documento*. Loures: Museu Municipal, pp. 21-36.
- Fernandes, L. (2004-2005) - As bases de coluna nos desenhos dos séculos XVIII e XIX do Teatro romano de Lisboa. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 56-57, pp. 83-94.
- Fernandes, L. (2005) - *Relatório Final da Intervenção Arqueológica da Desmontagem de Muro Sobreposto às bancadas do Teatro Romano*. Intervenção de 2004. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Museus e palácios - Museu da Cidade. Relatório entregue ao Instituto Português de Arqueologia. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (2006) - O Teatro de Lisboa - intervenção arqueológica de 2001. In *III Jornadas Cordobesas de Arqueologia Andaluza - Los Teatros Romanos de Hispânia* (Córdoba, 12-15 novembro 2002). Córdoba, pp. 181-204.
- Fernandes, L. (2007a) - A decoração de época romana do *municipium Olisiponense*: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 25, pp. 291-336.
- Fernandes, L. (2007b) - Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15, pp. 27-39.
- Fernandes, L. (2009) - Capitel das *Thermæ Cassiorum* de *Olisipo* (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 12: 2, pp. 191-207.
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 14, pp. 263-311.
- Fernandes, L. (2012) - A decoração arquitectónica de época romana: aspectos de centralidade / descentralidade na região ocidental da província da Lusitânia. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 131-148.
- Fernandes, L. (2013) - Teatro Romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765-773.
- Fernandes, L. (2014a) - The production of architectural elements in the city of *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisbon): the capitals. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Besarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1435-1437.
- Fernandes, L. (2014b) - Capitéis de São Miguel de Odrinhas: sobre a decoração arquitectónica em época romana. *Tritão - Revista de História, Arte e Património* [em linha]. Sintra: Câmara Municipal de Sintra. 2, pp. 1-33. Disponível em WWW: (URL:revistatritao.cm-sintra.pt).
- Fernandes, L. (2016) - *Viagem ao Passado Romano da Lusitânia*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Fernandes, L. (2017a) - Aspectos construtivos do teatro romano de Lisboa: matérias primas e técnicas edificativas. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1265-1278.
- Fernandes, L. (2017b) - Museu de Lisboa - Teatro Romano: um museu e um monumento romano na cidade. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 193-211.
- Fernandes, L. (2017c) - Soluções de pavimentação no teatro romano de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 100-103.
- Fernandes, L. (2018) - O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. *Aqva sobre Água*. Catálogo da exposição, Museu de Lisboa - Teatro Romano, 29 setembro 2018 - 20 janeiro 2019. Lisboa: EGEAC, EM / Museu de Lisboa - Teatro Romano, pp. 24-39.
- Fernandes, L. (2020) - *El post scaenium* del teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa*. Ramallo Asensio, S. F., Ruiz Valderas, E., edfs. cient. - *La porticus post scaenam en la Arquitectura Teatral Romana* (Cartagena, 19-20 de octubre de 2018). *Actas del Symposium Internacional*. Murcia: Universidad de Murcia, Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp.231-240
- Fernandes, L. (2019) - *Caius Heius Primus*. Formas de poder na elite de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. Os Monumentos Epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 86-99.
- Fernandes, L.; Almeida, R. F. (2012) - Um Celeiro da Mitra no Teatro Romano de Lisboa: inércias e mutações de um espaço do século XVI à actualidade. In Teixeira, A.; Bettencourt, J., eds. - *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna. 1. ArqueoArte. 1*. Lisboa: CHAM-FCSH-UNL/UAç, pp. 111-122.

- Fernandes, L.; Almeida, R. F.; Loureiro, C. (2014) - Entre o teatro romano e a Sé de Lisboa: evolução urbanística e marcos arquitectónicos da antiguidade à reconstrução pombalina. *Revista de História de Arte*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 11, pp. 19-33.
- Fernandes, L.; Cachão, M.; Fernandes, I.; Pimentel, N.; Ribeiro, M. A. (2019) - Elementos arquitectónicos do Teatro Romano de Lisboa / *Olisipo*: sobre o emprego de estuque e da pedra. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 58, pp. 149-191.
- Fernandes, L.; Caessa, A. (2006-2007) - O *proscenium* do Teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 83-102.
- Fernandes, L.; Calado, M.; Grilo, C. (no prelo) - Contextos tardios no teatro romano de lisboa: reconversão de espaços monumentais. In *Encontro Internacional – A Península Ibérica entre os séculos V-X – continuidade, tradição e mudança* (Museu Arqueológico do Carmo, 21-23 março 2019).
- Fernandes, L.; Coroado, J. (2018) - A construção do teatro de *Olisipo*: o estudo das argamassas e a engenharia do monumento romano. *História Antiga: relações Interdisciplinares, Paisagens Urbanas, Rurais & Sociais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 97-120.
- Fernandes, L.; Coroado, J.; Calado, M.; Costantino, C. (2015) - Ocupação medieval islâmica no Museu de Lisboa - Teatro Romano: o caso do aproveitamento do *post scænium* no decurso do século XII. In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. (Silves, Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012). Silves, Mértola: Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 509-518.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Filipe, V. (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 10: 2, pp. 229-253.
- Fernandes, L.; Grilo, C. (2019) - Um Templo Romano Junto ao Teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* / Lisboa? *Al-Madan*, Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 22, pp. 16-22.
- Fernandes, L.; Leitão, M. (2016) - *Relatório Final. Intervenção Arqueológica no Monumento Romano da Rua da Prata Lisboa - Outubro de 1995 e Maio de 1996*. Relatório entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L.; Loureiro, C. C. (no prelo) - As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios. In *“Júlio de Castilho (1840-1919). Sessão evocativa no centenário da sua morte. 11 de fevereiro de 2019*. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Fernandes, L.; Loureiro, C.; Brazuna, S.; Sarrazola, A.; Prata, S. (2015) - Paisagem urbana de *Olisipo*: fatias da história de uma cidade. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 18, pp. 203-224.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) - A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 14, pp. 239-261.
- Fernandes, L.; Nogales Basarrate, T. (2018) - Teatro Romano de *Olisipo*: programas decorativos teatrais de *Lusitania*. In *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania – Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 432-455.
- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do Teatro Romano de Lisboa: O Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 167-185.
- Fernandes, L.; Sales, P. (2005) - Projecto Teatro Romano, Lisboa – a reconstituição virtual. *Revista Arquitectura e Vida*. Lisboa. 57, pp. 28-32.
- Fernandes, L.; Sepúlveda, E.; Antunes, M. (2012) - Teatro Romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 44-55.
- Fernandes, P. A. (no prelo) - *Olisipona*: a cidade entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. *Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Fernandes, P. A. (2018) - Sinais de vitalidade cristã sob domínio islâmico: a diocese moçárabe. In Fontes, J. L. I., dir. - *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 61-84.
- Fernandes, P. A. (2020) - O fim de um tempo; o princípio de outro. *Felicitas Iulia Olisipo* entre romanos, bárbaros e cristãos. In Cachão, M.; Freitas, M. C.; Guerra, A., coords. - *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 140-149.
- Fernández, A.; Morais, R. (2012) - *Terra sigillata* Bracarense Tardia (TSBT). In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., eds. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 132-174.
- Ficcardori, G. (1983) - Note storiche ai mosaici di Lin (Albania). In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*, Ravenna. I, pp. 185-196.
- Figueiredo, B. (1889) - As termas dos Cassios, em Lisboa. *Revista Archeologica Lisboa*. 3, pp. 149-154.
- Filipe, I. (2017) - Casa do governador da Torre de Belém: uma fábrica de preparados de peixe de época romana na periferia de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P.

- A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 118-119.
- Filipe, I.; Fabião, C. (2006-2007) - Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do governador da Torre de Belém: uma primeira apresentação. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 58/59, pp. 103-118.
- Filipe, V. (2005) - Projecto de Alteração e Ampliação do Conjunto Edificado situado na Rua de São João da Praça (n.ºs 28-30) e Beco do Marquês de Angeja. *Relatório Final da Intervenção Arqueológica*. Documento policopiado.
- Filipe, V. (2008) - Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 11: 2, pp. 301-324.
- Filipe, V. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Documento policopiado.
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) - Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta nascente de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15. Adenda electrónica. IX, pp. 1-10.
- Filipe, V.; Quaresma, J.C.; Leitão, M.; Almeida, R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni Millet, P., eds. - *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo* (Monografías Ex Officina Hispana III). Tarragona: Instituto Catalán de Arqueología Clásica (ICAC/SECAH), pp. 423-445.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) - As termas romanas às portas de Alfama. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., eds. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 247-253.
- Fontes, L.; Lemos, F. S.; Cruz, M. (1997-98) - «Mais velho» que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar. *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Universidade do Minho. Serie II. 14-15, pp. 137-164.
- Fortes, M. L. S. (2009) - *A xestión da auga na paisaxe romana do occidente peninsular*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela.
- García y Bellido, A. (1990) - *Arte Romano*. 4.ª ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) - As Muralhas de *Olisipo*: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, pp. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017a) - O espaço público de época romana dos Armazéns Sommer. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 104-105.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017b) - Pavimentos do espaço público de época romana da Sé de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 116-117.
- Ginouvès, R.; Martin, R. (1985) - *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine*. Roma: École Française de Rome. I.
- Giuliani, C. F. (1993) - *Ledilizia nell'antichità*. Urbino: NIS.
- Gomes, A. (2004) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A. (2005) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Valongo, A.; Mendes, H.; Guerra, S.; Pinto, P.; Ribeiro, S. (2004) - *Primeiros resultados da intervenção arqueológica nos Armazéns Sommer, Lisboa*. Comunicação apresentada ao IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro, Setembro de 2004.
- Gomes, S. M.; Ponce, M.; Filipe, V. (2017) - A Intervenção Arqueológica no âmbito do Projecto de Arquitectura “Apartamentos Pedras Negras” (Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 348-365.
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A. M.; Angelucci, D. E. (2010) - The Roman cremation burials of Encosta de Sant'Ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 13, pp. 125-144.
- Gonçalves, L. J. R. (2007) - Escultura Romana em Portugal: uma arte do Quotidiano. *Stvdia Lusitana*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano. 2.
- Gonzales Fernández, J. (1984) - Nueva Inscripción de un Diffusor Olearius en la Bética. In Blázquez Martínez, J. M.; Remesal Rodríguez, J., coords. - *Producción y comercio del aceite en la antigüedad: segundo congreso internacional (Sevilla, 24-28 febrero 1982)*. Madrid: Universidade Complutense, pp. 183-191.
- Gouveia, M. (2007) - O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (século X-XI). In *Lisboa Medieval. Os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 388-399.
- Grilo, C. (2013) - As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 277-292.
- Grilo, C. (2014) - As cerâmicas de inspiração de *sigillata* do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. Primeira sistematização. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. - *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia* (Monografías Ex Officina Hispana II). Faculdade Letras da Universidade do Porto. II, pp. 85-98.

- Grilo, C.; Santos, C. (2016-2017) - A cerâmica comum da villa romana de Povos. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 86-115.
- Grimal, P. (2002) - *O Teatro Antigo*. Lisboa: Edições 70.
- Gros, P. (1976) - *Aurea templa: recherches sur l'architecture religieuse de Rome à l'époque d'Auguste*. Roma: École Française de Rome.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra Millán, S.; Collado Giraldo, H.; Pérez Romero, S.; Viola Nevado, M. (2014) - *Metellinum*: síntesis histórica y novedades arqueológicas de esta ciudad romana. In Nogales Basarrate, T.; Pérez del Castillo, M. J.; Aguilar Sáenz, A., eds. - *Ciudades romanas de Extremadura*. Mérida, Badajoz: Museo Nacional de Arte Romano, Departamento de Investigación, pp. 195-221.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (1992) - *Capiteles romanos de la Península Ibérica*. Valladolid: Universidad.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (2004) - Los programas arquitectónicos de época imperial en el *Conventus Clunien-sis*. In Ramallo Ascencio, S., ed. cient. - *La Decoración Arquitectónica en las Ciudades Romanas de Occidente*. Murcia: Universidade de Murcia, pp. 275-292.
- Hauschild, T. (1990) - Das römische Theater von Lissabon, Planaufnahme 1985–1988. *Madri der Mitteilungen*. Mainz. 31, pp. 338-392.
- Hauschild, T. (1994) - O teatro romano de Lisboa. In Ar-ruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Ex-posição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 64-66.
- Hauschild, T. (1996) - Évora. Um cimácio de época visigótica encontrado junto ao templo romano. In Maciel, M. J. dir. - *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 271-274.
- Hayes, J. (1967) - North Syrian Mortaria. *Hesperia*. Vigo: Universidade de Vigo. 36, pp. 337-347.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017a) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos da Rua do Arsenal N.º 116/ 132, Lisboa*.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017b) - Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1255-1258.
- Heras Mora, F. J. (2015) - Un nuevo documento arqueológico sobre el origen del Cristianismo emeritense. La *domus* de la Puerta de la villa de Mérida. *Mérida, excavaciones arqueológicas*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 11, pp. 507-533.
- Heras Mora, F. J.; Macarena Bustamante, A. (2007) - Contribución al estudio de las ánforas tardorrepublicanas del enclave militar de “El Santo” de Valdetorres (Badajoz, España). *Vipasca. Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. Série. II, pp. 318-324.
- Herculano, A. (1848) - *O monge de Cister*. Lisboa: Bertrand e Filhos.
- Hidalgo Prieto, R. (1991) - Mosaicos com decoracion geometrica y vegetal de la villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Cordoba). *Anales de Arqueologia Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 2, pp. 325-362.
- Humphrey, J. (1986) - *Roman Circuses. Arenas for Chariot Racing*. Somerset: University of California Press.
- Hyland, A. (1990) - *Equus. The Horse in the Roman World*. B.T. Batsford Lta, Londres.
- Janeiro, H. P. (1993) - *Lisboa. Freguesia do Castelo*. Lisboa: Contexto.
- Janon, M. (1986) - Le décor architectonique de Narbonne. Les rinceaux. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Paris: Université Paul-Valérie. 13.
- Jorge, A. M. (2001) - *Lépiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (IIIe-VIIe siècles)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Junkelmann, M. (2000) - On the Starting Line With Ben-Hur: Chariot Racing in the Circus Maximus. *Gladiators and Caesars*. British Museum Press.
- Kähler, H. (1939) - Die Römischen Kapitelle des Rhein-gebietes. *Römisch-Germanische Forschungen*. Band 13. Berlin.
- Khader, A. (1987) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis. II: 3.
- Lancha, J. (1977) - *Mosaïques Géométriques. Les Ateliers de Vienne (Isère). Leurs modèles et leur originalité dans l'Empire romain*. Roma: «L'Erma» di Breitschneider.
- Leitão, M. (2014) - Muralhas de Lisboa. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal/Gabinete de Estudos Olisiponenses. 3, pp. 66-79.
- Lopes, V. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Huelva.
- López Monteagudo, G.; Navarro Sáez, R.; Palol Salellas, P. (1998) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. XII.
- López Rodríguez, J. R. (1985) - *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Iberica*. Salamanca.
- Loyzance, M.-F. (1986) - À Propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, Diffusor Olearius. *Revue des Études Anciennes. Hommage à Robert Étienne*. Tome 88. N.º 1-4. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, Diff. de Boccard. 17, pp. 273-284.
- Lugli, G. (1957) - *La tecnica edilizia romana*. Roma.
- Machado, J. L. (1970) - Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I - Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos. In *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 335-385.
- Macias, S. (1993) - Um espaço funerário, In. Torres, C., coord. - *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola.

- la: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 31-62.
- Macias, S. (2006) - *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Maciel, M. J. (1993/1994) - A propósito das chamadas «conservas de água da Rua da Prata». *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 22-23, pp. 145-156.
- Maciel, M. J. (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: ed. Autor.
- Maciel, M. J. (1997) - Évora visigótica. Évora na Antiguidade Tardia. *Évora. História e imaginário*. Évora: Ataegina, pp. 27-42.
- Maciel, M. J. (2006) - *Vitrúvio - Tratado de arquitectura*. Tradução do latim, introdução e notas. Lisboa: IST Press.
- Man, A. (2005) - Sobre a cristianização de um *Forum*. *Al-Madan. Adenda Electrónica*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 13., pp. VI.1-VI.4.
- Man, A. (2006) - *Conimbriga. Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Sílabo.
- Man, A. (2008) - *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mañas Romero, I. (2009) - Pavimentos decorativos de Itálica. Una fuente para el estudio del desarrollo urbano de la ampliación Adrianea. *Romula*. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide. 8, pp. 179-198.
- Mañas Romero, I. (2011) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid-Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Universidad Pablo de Olavide. XIII.
- Mantas, V. G. (1990) - As Cidades marítimas da Lusitânia. *Les Villes de Lusitanie Romaine* (Coll. de la Maison des Pays Iberiques 42). Paris: CNRS, pp. 149-206.
- Mantas, V. G. (1999) - *Olisipo e o Tejo*. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha" (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-41.
- Mantas, V. G. (2000) - A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. *Turres Veteras. Actas de História Medieval*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras - Instituto Alexandre Herculano. I, pp. 11-25.
- Mantas, V. G. (2004) - *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 43, pp. 63-83.
- Mantas, V. G. (2013) - População e mobilidade nas cidades romanas de Portugal. In *I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 99-125.
- Mantas, V. G. (2018) - O Município de *Felicitas Iulia Olisipo* e as viagens por terra e por mar. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 37-51.
- Mar, R. (2000) - Las Termas Imperiales. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. - *Termas Romanas en el Occidente del Imperio (Gijón, Colóquio Internacional, 2000)*. Gijón: VPT Editorial. Série Património. 5, pp. 15-21.
- Marques, J. A.; Santos, V. (1996) - Intervenção arqueológica de emergência na Baixa de Lisboa. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 5, p. 201.
- Marrero-Díaz, R.; Ramalho, E. C. (2015) - Características geoquímicas das antigas nascentes termominerais de Alfama (Lisboa, Portugal): estudo preliminar do seu potencial geotérmico e hidromineral. *Comunicações Geológicas*. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia IP. 102. Especial I. XX-XX, pp. 1-5. [Consult. 14 de Setembro de 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://www.lneg.pt/iedt/unidades/16/paginas/26/30/208>).
- Martins, M. (2000) - *Bracara Augusta: A casa romana das Carvalheiras* (Roteiros Arqueológicos 2). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, M. (2005) - *As Termas romanas do Alto da Cidade: Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta* (Escavações Arqueológicas 1). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) - O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social. 43, pp. 239-264.
- Mateos Cruz, P. (1995) - Arqueología de la Tardoantigüedad en Mérida: estado de la cuestión. In Velásquez Jiménez, A.; Cerrillo Martín de Cáceres, E.; Mateos Cruz, P., coords. - *Los últimos romanos en Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 125-152.
- Mateos Cruz, P. (2018) - *Avgvsta Emerita*, de capital de la *diocesis hispaniarvm* a sede temporal visigoda. In Sánchez Ramos, I.; Mateos Cruz, P., eds. - *Territorio, topografía y arquitectura de poder durante la Antigüedad Tardía*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 491-520.
- Mateos Cruz, P.; Picado Pérez, Y. (2011) - El teatro romano de *Metellinum* (Taffeln 13-23). *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 52, pp. 373-410.
- Mateos Cruz, P.; Pizzo A. (2018) - El teatro y el anfiteatro de *Augusta Emerita*. Aspectos Arqueológicos, Cronológicos y Urbanísticos. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 13-38.
- Mateos Cruz, P.; Rodríguez Gutierrez, O. (2018) - La Arquitectura del edificio escénico del teatro romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 41-74.
- Matos, J. L. (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- Mayet, F. (1975) - *La céramique a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Bordeaux: Centre Pierre/CNRS.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Silva, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado, Portugal: prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Editions De Boccard.

- Melchor Gil, E. (1992-93) - La construcción pública en Hispania Romana: iniciativa imperial, municipal y privada. *Memorias de Historia Antigua*. Oviedo: Universidad de Oviedo. XIII-XIV, pp. 129-170.
- Melchor Gil, E. (1999) - Elites municipales y mecenazgo cívico en la Hispania Romana. In Rodríguez Neila, J. F.; Navarro Santana, F. J., eds. - *Elites y promoción social en la Hispania Romana*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra SA – EUNSA, pp. 219-263.
- Milella, M. (2004) - La decorazione architettonica del Foro di Traiano a Roma. *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente*. A cura di S. Ramallo Asensio. Murcia, pp. 5-71.
- Mingoia, V. (2004) - Evergetismo relativo agli edifici da spettacolo romani. una rassegna di testi epigrafici della baetica. *ROMULA*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide. 3, pp. 219-238.
- Moita, I. (1968) - Achados da Época Romana no Subsolo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-34.
- Moita, I. (1970a) - Noticiário arqueológico e artístico. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 56-62.
- Moita, I. (1970b) - O teatro romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 7-37.
- Moita, I. (1977) - *As Termas Romanas da Rua da Prata*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1994) - O domínio romano. In Moita, I., ed. - *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte / Lisboa 94, pp. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) - Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa. In *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa: IPPC, pp. 55-67.
- Morais, R.; Fabião, C. (2007) - Novas produções de fabrico lusitano; problemáticas e importância económica. In Lagóstena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. - *Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad* (BAR International Series 1686). Oxford, pp. 127-133.
- Morán Sánchez, C. J. (2018) - Estudios sobre la *Scænæ Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 207-242.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A «cerca velha» de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R.; Filipe, V. (2016-2017) - Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 149-207.
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) - Criptopórtico romano de Lisboa: Arqueologia e Arquitectura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 78-101.
- Nicolaou, K. (1983) - Three New Mosaics at Paphos, Cyprus. In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*. Ravenna. I, pp. 219-215.
- Nogales Basarrate, T., ed. (1996) - *La pintura romana antigua: actas del Coloquio Internacional*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.
- Nogales Bassarate, T. (2008) - Circos romanos de *Hispania*. Novedades y perspectivas arqueológicas. In Nelis-Clément, J.; Roddaz, J.-M., eds. - *Le cirque romain et son image*. Bordeaux: Ausonius.
- Nogales Bassarate, T. (2017) - *Ludi Circenses en Hispania: Tipologías Monumentales y Testimonios Iconográficos*. In López Vilar, J., coord. - *Actes 3r Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic. La glòria del circ: curses de carros i competicions circenses. In memoriam Xavier Dupré i Raventós (Tarragona, 16-19 de novembre de 2016)* (Tarraco Biennal 3). Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana, pp. 11-26.
- Nogales Basarrate, T.; Carvalho, A.; Almeida, M. J. (2002) - El Programa Decorativo de la Quinta das Longas (Elvas, Portugal): un Modelo excepcional de las Uillare de la Lusitania. In Romano, M. N., ed. - *Actas de la IV Reunion sobre Escultura Romana en Hispania*. Cuenca: Parque arqueológico de Segobriga, pp. 103-156.
- Nogales Basarrate, T.; Gonçalves, L.; Lapuente, P. (2019) - Materiales Lapídeos, mármoles y talleres en Lusitania. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. - *Marmora Hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Roma, pp. 406-465.
- Nogales Basarrate, T.; Márquez Pérez, J. (2002) - Espacios y tipos funerarios en *Augusta Emerita*. *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 113-144.
- Nogales Basarrate, T.; Merchán García, M. J. (2018) - Teatro romano de *Mettelinum*: programa escultórico - decorativo. *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania - Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 527-551.
- Oliveira, A. C. (1996) - *Património Arqueológico e Arqueologia Urbana: uma realidade presente na cidade de Loures*. Património. Museu Municipal de Loures.
- Oleiro, J. M. B. (1973) - Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 12, pp. 1-92.
- Oleiro, J. M. B. (1986) - Mosaico romano. In Alarcão, J., coord. - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa. I, pp. 111-127.
- Oleiro, J. M. B. (1992) - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus I. Conimbriga - Casa*

- dos Repuxos*, Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga.
- Ovadia, R.; Ovadia, A. (1987) - *Hellenistic, Roman and Early Byzantine Mosaic Pavements in Israel* (Bibliotheca Archaeologica 6). Roma: «L'Erma» di Bretschneider.
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) - O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- Peacock, D. P. S.; Williams, D. F. (1986) - *Amphoræ and the Roman Economy. An Introductory Guide*. London: Longman Publications.
- Pedroso, R. (2005) - Pintura Mural Luso-Romana. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 23, pp. 321-366.
- Pensabene, P. (1973) - *Scavi di Ostia, VII; i capitelli*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato.
- Pereira, C. (2013) - Lucernas romanas de Alcácer do Sal. Entre a prática e o sagrado. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 13-28.
- Pérez Olmedo, E. (1996) - *Revestimientos de Opus Sectile en la Península Iberica* (Studia Archaeologica 84). Valladolid: Universidad de Valladolid.
- Pessoa, F. (1934) - *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Pimenta, J. (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J. (2013) - A Arquitetura do Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo). Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa, Vila Franca de Xira: Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 31-42.
- Pimenta, J. (2017) - Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., eds. - *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop*. Lisboa, pp. 195-205.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2013) - *Catálogo Monte dos Castelinhos Vila Franca de Xira - Em busca de Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 135-191.
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) - Contextos romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1293-1304.
- Pizzo, A. (2010) - *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emerita. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 56.
- Ponte, S. (1988) - *Villa rústica de S. Pedro de Caldelas - Tomar*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia.
- Prata, S. (2013) - *Acompanhamento arqueológico da Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 9*. Relatório final de intervenção arqueológica entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal). *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and Early Medieval Imported Pottery on the Atlantic Seaboard: Proceedings of an International Symposium at Newcastle University, March 2014*.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) - As ânforas romanas da nova sede da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1305-1315.
- Quinteira, C.; Encarnação, J. (2009) - Pedestal ao divino Augusto, de *Olisipo*, reencontrado. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona: Universitat de Barcelona. 7, pp. 143-146.
- Ramallo Asencio, S. F. (1985) - *Mosaicos Romanos de Carthago Nova (Hispania Citerior)*. Murcia: Consejería de Cultura y Educación de la Comunidad Autónoma.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2005) - As águas de Alfama - A riqueza esquecida da cidade de Lisboa. *Boletim de Minas*. Lisboa: LNEG. 40: 1. Edição Especial, pp. 6-24.
- Real, M. L. (2000) - Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe. *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media*. Madrid: CSIC, pp. 21-75.
- Reis, M. P. (2004) - *Las termas y balnea romanos de Lusitania. Lusitania (Stvdia Lusitana 1)*, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Reis, M. P. (2015) - *De Lusitaniæ urbium balneis: estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, J. C. (1982-1983) - Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Ivlivs Maelo Cavdicvs. Sintria*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. I-II: 1, pp. 151-476.
- Ribeiro, J. C. (1994a) - Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do «forum corporativo». In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta*. Braga: Câmara Municipal de Braga. 45, pp. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) - *Felicitas Ivlia Olisipo* algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, pp. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1995-2007) - *Soli æterno Ivnæ* cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da serra de Sintra: ¿um caso complexo de sincretismo? In *Actas do Segundo Colóquio Internacional de Epigrafia Culto e Sociedade. Sintria*. Sintra. Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas: III-IV, pp. 595-624.

- Ribeiro, J. C. (2013) - Ptolomeu, Geogr. II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus æque. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa, pp. 343-379.
- Ribeiro, L. C. (2015) - Contributos para uma visão global dos pavimentos de mosaico da *villa* romana de Santiago da Guarda, Ansião. In *Actas do Encontro Portugal-Galiza: Mosaicos Romanos Fragmentos de Cultura nas Proximidades do Atlântico*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, APECMA, pp. 71-91.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) - Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 106-111.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017a) - Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 223-245.
- Ribeiro, R.; Vieira, V.; Rebelo, P.; Neto, N. (2017b) - A Roman Mosaic Unearthed in Armazéns Sommer (Lisbon). *Archaeology and Iconography. Journal of Mosaic Research*. Istanbul: Ege Yayınları. 10, pp. 335-346.
- Rigour, J. (1968) - Les Sigillées Paléochrétiennes grises et orangées. *Gallia*. Paris. XXVI: 1, pp. 177-244.
- Rigour, Y.; Rigour, J.; Rivet, L.; Proust, J. (1985) - Les Dérivées des Sigillées Paléochrétiennes. Exportations et influences entre le groupe provençal et le groupe languedocien. *Documents d'Archéologie Méridionale*. 8, pp. 87-99.
- Rivet, L. (2001) - Les sigillées tardives issues des feuilles 1946-1970 de Saint-Blaise (Bouches-du-Rhône). Quantification et mise en évidence des décors. In *SFECAG, Actes du congress de Lille-Bavay*, pp. 489-515.
- Rocha, A. (2016) - "Almofariz". *Peça do mês*. Museu do Dinheiro Largo de S. Julião. Lisboa: Banco de Portugal.
- Rocha, A.; Represas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. R. (2013) - Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.
- Rodríguez Almeida, E. (1987-1988) - *Diffusores, negotiatores, mercatores olearii*. *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*. Roma: L'Erma di Bretschneider. 92, pp. 299-306.
- Rodríguez de Oliva, P.; Serrano Ramos, E. (1988) - Tres Nuevas Inscripciones de Singilia Barba (El Castillón, Antequera, Málaga). *Baetica. Estudios de Historia Moderna y Contemporánea*. Málaga: Universidad de Málaga. 11, pp. 237-56.
- Ronczewsky, K. (1923) - *Variantes Libres de chapiteaux romains (Acta Universitatis Latviensis VIII)*. Roma.
- Röring, N. (2010) - Nuevo estudio arquitectónico de la fachada escénica del teatro romano de *Augusta Emerita*. In Ramallo Asensio, S.; Röring, N., eds. - *La scænæ frons en la arquitectura teatral romana: actas del Symposium Internacional celebrado en Cartagena los días 12 al 14 de marzo de 2009 en el Museo del Teatro Romano*. Murcia: Universidad; Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 163-172.
- Rosenweig, R. (2004) - *Worshipping Aphrodite: art and cult in classical Athens*. Michigan: University of Michigan Press.
- Sabrosa, A.; Henriques, F.; Carvalho, E.; Germano, A. (2012) - Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer). *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008)*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 148-157.
- Salomé, R.; Calado, M. (2012) - Um pequeno conjunto cerâmico de Época Medieval da Rua de São Mamede (Lisboa). *Al-Madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 23-30.
- Salvado, S. (1994) - 2. Lisboa Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, pp. 503-509.
- Salvado, S.; Ferreira, S. V. (1984) - Alguns elementos pré-românicos reutilizados nos paramentos exteriores da Sé de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Série 2. 45: 7, pp. 3-36.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (1994) - La iconografía de Venus en los mosaicos hispanos. In *VI Coloquio Internacional sobre Mosaico Antiguo (Palencia-Mérida, 1990)*. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, pp. 393-408.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (2004-2005) - Seres mitológicos y figuras alegóricas en los mosaicos romanos de Hispania en relación con el agua. In *Espacio, Tiempo y Forma*. Madrid: UNED. Serie II. Historia Antigua. 17-18, pp. 301-333.
- Santos, A. B. (2015) - *A terra sigillata do Edifício Sede do Banco de Portugal. Dissertação de Mestrado em Arqueologia*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C.; Raposo, J.; Quaresma, J. C. (2015) - Análise Crono-Estratigráfica da Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal). In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *In Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Império à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 117-148.
- Santos, V.; Marques, J. (2002) - Acompanhamento das obras do metropolitano de Lisboa: Intervenção arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 165-176.
- Sauron, G. (1979) - Les modèles funéraires classiques de l'art décoratif Neo-attique au 1er siècle avant J.-C. *Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité*. Roma. 91, pp. 183-236.

- Sepúlveda, E.; Fernandes, L. (2012) - Um cálice em *terra sigillata* de tipo itálico encontrado na zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 139-154.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores / Rua de S. Nicolau (Lisboa). 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, pp. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C. (2020) - A cerâmica fina romana do teatro de *Olisipo*. *Scæna. Estudos do Teatro Romano*. Lisboa: EGEAC / Museu de Lisboa - Teatro Romano. 1, pp. 120-135.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) - A cronologia do circo de *Olisipo*. A *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, pp. 245-275.
- Silva, A. V. (1934) - As Termas Romanas da Rua da Prata, em Lisboa. In *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa. 13, pp. 19-29.
- Silva, A. V. (1939) - *Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. (1.^a ed. 1900; 3.^a ed. 1987).
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo: subsídios para a história da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Fernandina de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. I.
- Silva, B. M. (2007) - *A implantação romana nas Almoíhas (Loures). Forno 3: contribuições para a compreensão da produção oleira romana*. Relatório final para a obtenção da licenciatura em História, variante Arqueologia. Documento policopiado.
- Silva, J.; Martins, M. (2015) - A Evolução e análise funcional de uma *domus* romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das antigas Cavaliças de Braga. In Martínez Peñin, R.; Caverio Domínguez, G., eds. - *Evolución de los Espacios Urbanos y Sus Territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*. León: Instituto de Estudios Medievales e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 425-442.
- Silva, M. F. (2017a) - *Mutação urbana na Lisboa Medieval. Das Taifas a D. Dinis*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Silva, M. F. (2017b) - *Balsa, Cidade Perdida*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira / Câmara Municipal de Tavira.
- Silva, R.; Reis, L. C.; Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da *Villa* Romana de Frielas – primeira notícia. In *X Colloque Mosaïque Greco-Romaine*. Coimbra, pp. 889-902.
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático “Lisboa Ribeirinha” (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2005) - *“Marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (século I a.C. - século II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana). Braga: Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho.
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdu, J. A.; Acero Pérez, J., coords. - *La gestión de los residuos urbanos en Hispania: Xavier Dupré Raventós (1956-2006)*. In *Memoirien. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida. LX, pp. 203-212.
- Silva, R. B. (2012a) - Arqueologia Viária Romana Em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2012b) - *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, R. B. (2015a) - O “facies” cerâmico de *Olisipo* (Lisboa) no período Júlio Cláudio: uma primeira aproximação a partir de contextos suburbanos seleccionados. In *Actas do Workshop internacional La Configuración de los facies Cerámicos Altoimperiales en el sul de la Península Ibérica: tecnología, producción, difusión y comercialización de cerámicas finas de origen bético en el Sur peninsular durante el Alto Imperio*. Granada. Universidad de Granada-Facultad de Filosofía y Letras, 28 de Noviembre de 2013.
- Silva, R. B. (2015b) - O contexto Alto-Imperial da Rua dos Remédios (Alfama - Santa Maria Maior, Lisboa): Vidros, Cerâmicas e Análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Imperio à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2015c) - Acerca de um almofariz itálico com marca de oleiro de *M Cominivs Satvrninvs*, de Lisboa. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 4.
- Silva, R. B. (2018) - A “via Norte” de *Olisipo*: a arqueologia da Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e a dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 73-86.
- Silva, R. B.; Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez-Martínez, S., eds. - *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves & Mértola, 22-27 October 2012)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Silva, R. B.; Nozes, C.; Miranda, P. (2015) - O contexto [9033] da Praça da Figueira e a circulação de produtos cerâmicos em *Olisipo*. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 2.
- Silva, R. B.; Valongo, A. (2016-2017) - A Urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicias Iulia Olisipo* (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 116-148.

- Soria, V. (2014) - A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/proto-imperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém. In *Actas del II Congreso Internacional da SECAH (Braga, 3-6 de Abril de 2013)* (Monografias Ex Officina Hispana 2). Porto. II, pp. 75-84.
- Sousa, E. (2016) - A Idade do Ferro em Lisboa: Uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 42, pp. 167-185.
- Stylow, A. U.; Ventura Villanueva, Á. (2018) - Inscripciones Asociadas a la *Scaena* del Teatro. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 155-192.
- Sucena, E. (2006-2007) - O vale e o convento de Chelas. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 167-176.
- Teichner, F.; Oberhofer, K.; Kopf, J. (2014) - Miróbriga (Santiago do Cacém, Portugal): Nuovi dati archeologici sul modello lusitano della residenza privata in Età Romana. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1121-1124.
- Thuillier, J.-P. (2011) - Vingt ans au cirque. Des «Roman circuses» au «Cirque romain». *Theatra et spectacula. Les grands monuments des jeux dans l'Antiquité*. 1-2. [Em linha]. Disponível em WWW: (URL: <https://journals.openedition.org/edl/125>).
- Tranoy, A. (1974) - *Hydace. Chronique*. Paris: Les Editions du Cerf.
- Trillmich, W. (2006) - El anfiteatro de Nerón en Roma, visto desde la andanada. In *Coloquio Internacional Amphitheatrum, del edificio a los juegos (Museo Nacional de Arte Romano, 27-28 octubre 2006)* (resumos policopiados das comunicações). Mérida.
- Vale, A. (2001) - O Circo de Olisipo. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 125-137.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1994) - Intervenção Arqueológica no Largo de Santo António da Sé. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, p. 109.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1997) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2002) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In Barros, L.; Henriques, F., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana Almada, 20-23 de Fevereiro de 1997* (Monografias Arqueologia). Almada: Museu Municipal de Almada, pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2017) - O Circo Romano de Olisipo: exemplos de revestimentos. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 124-126.
- Valongo, A. (2014) - *Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A. (2019) - *Relatório final dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) - Os achados arqueológicos. 31 - *Cordon Lisboa: um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas, pp. 74-117.
- Vaz, T. G. (2010) - *Contribuição para o estudo dos movimentos de vertente desencadeados por eventos sísmicos em Portugal Continental*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de Ara do Municipium Olisiponense*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Vieira, V. N. (2012) - Os mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa em Alfama. *Portugal Romano - Revista de Arqueologia Romana*. I: 3, pp. 116-124. [Em linha].
- Vitruve (1965) - *Les dix livres d'architecture*. Paris: Ed. André Balland. Dir. Bernard Gheerbrant.
- Wolfram, M. (2011) - *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia*. *Arqueologia - Arquitectura - Epigrafia*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lista de Autores

ALEXANDRA GASPAR

Direção-Geral do Património Cultural.
alexandralinogaspar@gmail.com

ANA GOMES

Direção-Geral do Património Cultural.
agomes711@gmail.com

ANA VALE

Direção-Geral do Património Cultural.
avale@dgpc.pt

ANTÓNIO VALONGO

antonio.valongo@gmail.com

CARLOS CABRAL LOUREIRO

Museu de Lisboa / EGEAC.
carlosloureiro@egeac.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

CAROLINA GRILO

Museu de Lisboa | Teatro Romano / EGEAC; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
carolinagrilo@egeac.pt

CRISTINA NOZES

Centro de Arqueologia de Lisboa /
Câmara Municipal de Lisboa.
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção-Geral do Património Cultural; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa;
CEAACP-UC: Centro de Estudos de Arqueologia, Artes
e Ciências do Património / Universidade de Coimbra.
jacintabugalhao@gmail.com

LÍDIA FERNANDES

Coordenadora do Museu de Lisboa | Teatro
Romano / EGEAC.
lidiafernandes@egeac.pt

MARIA PILAR REIS

CEAU - Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
pilar.reis@gmail.com

MARIA TERESA CAETANO

Artis - Instituto de História da Arte da Faculdade
de Letras de Universidade de Lisboa.
mtvcaetano@gmail.com

NUNO NETO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO ALMEIDA FERNANDES

Museu de Lisboa / EGEAC; CEAACP-UC;
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências
do Património / Universidade de Coimbra; Instituto
de Estudos Medievais / Universidade Nova de Lisboa.
paulofernandes@egeac.pt

PAULO REBELO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RAQUEL HENRIQUES

raquelinhahenriques@gmail.com

RAQUEL SANTOS

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RICARDO ÁVILA RIBEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal
de Lisboa; Departamento de História / CHAM -
Centro de Humanidades / Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa.
rodrigobanhadasilva@gmail.com

VANESSA FILIPE

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Catarina Vaz Pinto	Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal da Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal do Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção-Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia	e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião. Vinho Regional de Lisboa; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga		
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho		
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques		
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho		
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC		
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Câmara Municipal de Almada; Câmara		

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> . A capital urbana de um município de cidadãos romanos – espaço(s) de representação de cidadania	Vanessa Filipe Vasco Noronha Vieira Victor Filipe	TIRAGEM 1.500 exemplares
COORDENAÇÃO DO VOLUME Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Paulo Almeida Fernandes – MUSEU DE LISBOA / EGEAC	REVISÃO DO VOLUME Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristóvão Fonseca – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Inês Viegas – DPC/DMC/CML Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC	EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Alexandra Gaspar Ana Gomes Ana Vale António Valongo Carlos Cabral Loureiro Carlos Fabião Carolina Grilo Cristina Nozes Helena Pinheiro Jacinta Bugalhão Lídia Fernandes Maria Teresa Caetano Nuno Neto Paulo Almeida Fernandes Paulo Rebelo Pilar Reis Raquel Santos Ricardo Ávila Ribeiro Rodrigo Banha da Silva	COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML © Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio. DESIGN GRÁFICO José Ribeiro	CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO lisboaromana@cm-lisboa.pt FACEBOOK: https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/ INSTAGRAM https://instagram.com/lisboaromana TWITTER twitter.com/LisboaRomana
	ISBN 978-989-658-663-8	
	DEPÓSITO LEGAL 463308/19	